

Engenheiros-Educadores e Espaços Formativos



Organizadoras

Coord. Olivia Morais de Medeiros Neta

Laís Paula de Medeiros

Rita Diana de Freitas

Nara Lidiana Silva Dias Carlos

Olivia Morais de Medeiros Neta
Laís Paula de Medeiros
Rita Diana de Freitas
Nara Lidiana Silva Dias Carlos
(Organizadoras)

ENGENHEIROS-EDUCADORES E ESPAÇOS FORMATIVOS



Copyright © 2025 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À FACULDADE METROPOLITANA NORTE RIOGRANDENSE – FAMEN. De acordo com a Lei n. 9.610, de 19/2/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informações ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do detentor dos direitos autorais. O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores.

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2025l23>

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

E57 Engenheiros-educadores e espaços formativos / Organização de Olívia Morais de Medeiros Neta, Laís Paula de Medeiros, Rita Diana de Freitas e Nara Lidiana Silva Dias Carlos. – Natal, RN: Editora FAMEN, 2025.

3.70 Mb ; PDF ; il.

ISBN: 978-65-87028-84-2.

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2025l23>.

1. Práticas educativas. 2. Espaços formativos - Educação. 3. Ensino Industrial - Brasil. I. Medeiros Neta, Olívia Morais de (Org.). II. Medeiros, Laís Paula de (Org.). III. Freitas, Rita Diana de (Org.). IV. Carlos, Nara Lidiana Silva Dias. V. Título.

CDD: 370.8

CDU: 377(81)(091)

Elaborada pelo Bibliotecário Miqueias Alex de Souza Pereira CRB – 15/925

Índice para Catálogo Sistemático:

1. História de pessoas na Educação – 370 .8
2. Apresentação histórica – Ensino especializado em escolas, institutos profissionais e escolas politécnicas no Brasil – 377(81)(091)



Rua São Severino, n. 18, Bairro Bom Pastor, Natal/RN, CEP: 59060-040 CNPJ:

23.552.793/0001-57. Inscrição Estadual: 204392322, Inscrição Municipal: 2142633.

editora@famen.edu.br e telefone: (84) 3653-6770.



Rua São Severino, 18 – Bom Pastor, Natal – RN, 59060-040

Diretoria Geral
Valdete Batista do Nascimento

Coordenação de Pesquisa e de pós-graduação
Wendella Sara Costa da Silva

Conselho Editorial da FAMEN

Editora Chefe

Profa. Dra. Andrezza M. B. Do N. Tavares – Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5187018279016366>.

Editora Adjunto

Prof. Dr. Fábio Alexandre Araújo dos Santos – Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8334261197856331>.

Conselho Editorial Internacional

Presidente: Dr. Bento Duarte da Silva
Dr. Manuel Tavares
Dr. Dionísio Luís Tumbo
Dr. Gabriel Linari
Dra. Cristina Rafaela Ricci
Me. Gustavo Adolfo Fernández Díaz
Dr. Manuel Teixeira

Dra. Antonia Dalva França Carvalho
Dra. Elda Silva do Nascimento Melo
Dra. Karla Cristina Silva Sousa
Dr. Márcia Adélino da Silva Dias
Dr. Adir Luiz Ferreira
Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim
Dra. Lucila Maria Pesce de Oliveira

Comitê Científico Interdisciplinar

Presidente: Dr. Rylanneive L. P. Teixeira
Dra. Juliana Alencar de Souza
Dr. Júlio Ribeiro Soares
Dra. Leila Salim Leal
Dra. Christiane M. T. de M. Gameleira
Dr. José R. Lopes de Paiva Cavalcanti
Dra. Kadydja Karla Nascimento Chagas
Dr. Avelino de Lima Neto
Dr. Sérgio Luiz Bezerra Trindade
Dr. Eduardo Henrique Cunha de Farias
Dr. Bruno Lustosa de Moura
Dra. Maria da C. Monteiro Cavalcanti

Dr. José Moisés Nunes da Silva
Dra. Francinaide de L. Silva Nascimento
Dr. José Paulino Filho
Dr. Marcos Torres Carneiro
Dr. Bernardino Galdino de Sena Neto
Dr. José Flávio da Paz
Dra. Laércia Maria Bertulino de Medeiros
Dra. Maria das Graças de A. Baptista
Dr. Antonio Marques dos Santos
Dr. Luiz Antonio da Silva dos Santos
Dra. Wendella Sara Costa da Silva
Ma. Valdete Batista do Nascimento

Ma. Maria Judivanda da Cunha
Me. João Maria de Lima
Me. Eric Mateus Soares Dias

Me. Adriel Felipe de Araújo Bezerra
Me. Rayssa Cyntia Baracho Lopes Souza

Bibliotecário
Miqueias Alex de Souza Pereira

Projeto Gráfico, diagramação e Capa
Eddean Riquemberg C. Xavier

Revisão de Textos
Prof. Dr. Dayvyd Lavaniery Marques de Medeiros

Prefixo editorial: Editora FAMEN
Linha editorial: Acadêmica

Disponível para download em: <https://editorafamen.com.br/>

SOBRE OS AUTORES

Carolaine Maria dos Santos

Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: carolaine.santos.700@ufrn.edu.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2634-1386>.

Débora Cristina de Souza Pereira

Mestranda em Educação. PPGED - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: debora07cristina.s@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1107-1888>.

Eliane Guardião de Souza Martins

Graduanda em Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: elianemartins026@gmail.com.

Francisca Leidiana de Souza

Doutora em Educação Profissional. PPGEP- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

E-mail: leidianasouzabarros@gmail.com.

Gabriella de Fátima Dantas do Nascimento

Vasconcelos

Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: gabriella.dantas.017@ufrn.edu.br.

Heverton Luís Barros Reis

Doutor em Educação. PPGED - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: hevertonbarrosreis@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2798-4367>.

Ísis de Freitas Campos

Mestra em Educação. PPGED - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: isiscampus@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1172-7101>.

Israel Maria dos Santos Segundo

Doutorando em Educação. PPGED - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: leao.israel10@hotmail.com.

ORCID <https://orcid.org/0009-0005-1098-6517>.

Jaciene de Lima Farias

Licencianda em Matemática. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail:

jaciene.farias@escolar.ifrn.edu.br.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6951-4274>.

Jéssica Souza Martins

Doutoranda em Educação Profissional. PPGEP- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

E-mail: jssc.martins@hotmail.com.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1831-9277>.

Joyce Brenna da Silva Lima Rodrigues

Mestra em Educação Profissional. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (PPGEP/IFRN).

E-mail: joycebrenna@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8518-3787>

Sandra Maria de Assis

Doutora em Educação. PPGEP - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

E-mail: assis66sandra@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0091-6161>.

Karla Vitória da Cruz Alves

Graduanda em Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: alveskarla2002@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5807-1210>.

Laís Paula de Medeiros Campos Azevedo

Doutora em Educação. Professora do Departamento de Educação do Centro de Ciências Aplicadas e Educação - CCAE. Universidade Federal da Paraíba UFPB.

E-mail: laispaulamedeiros@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3274-5798>.

Lidemberg Régis Santos Dantas

Mestrando em Educação. PPGED- Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: lidemberg.dantas1@gmail.com.

Lígia Silva Pessoa

Doutoranda em Educação. PPGED - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: ligiapessoa123@gmil.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0879-6253>.

Marcelly Kathleen Pereira Lucas

Doutora em Educação. PPGED - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: marcellykathleen@gmail.com.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9221-6690>.

Maria Fátima Moreira Oliveira França

Licencianda em Matemática. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: fatima.moreira@escolar.ifrn.edu.br.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6380-2372>.

Nara Lidiana Silva Dias Carlos

Doutora em Educação. PPGED - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: narialid7@gmail.com.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5359-7208>.

Olívia Moraes de Medeiros Neta

Doutora em Educação. Professora do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação. Centro de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

E-mail: olivianeta@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4217-2914>.

Rafaela Camila Gomes da Silva

Licencianda em Matemática. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

E-mail: rafaelagomesg737@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0213-1966>.

Rafael Duarte Falcão

Mestrando em Educação Profissional. PPGEP - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: javier1936.RF@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0284-7865>.

Rita Diana de Freitas

Doutora em Educação. Professora do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação. Centro de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).
E-mail: rita.freitas@ufrn.br.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9504-5273>.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
I ENGENHEIROS-EDUCADORES E ENGENHEIRAS- EDUCADORAS.....	18
AÍDA ESPÍNOLA.....	19
ANTONIO FRANCISCO DE PAULA SOUZA.....	28
CELSO SUCKOW DA FONSECA.....	37
DULCÍDIO ALMEIDA PEREIRA	44
EDGAR SUSSEKIND DE MENDONÇA	57
EUVALDO LODI.....	65
EVERARDO ADOLFO BACKHEUSER	73
FERDINANDO LABOURIAU FILHO.....	84
FRANCISCO BELMONTE MONTOJOS	93
FRANCISCO VENÂNCIO FILHO	100
JEREMIAS PINHEIRO DA CÂMARA FILHO	110
JOÃO JOSÉ PEREIRA PAROBÉ	118
JOÃO JOSÉ LÜDERITZ.....	127
LAURO WILHELM	136
MANOEL AMOROSO COSTA.....	155
MARIO PAULO DE BRITO	165
ROBERTO COCHRANE SIMONSEN	172
ROBERTO AUGUSTE EDMOND MANGE	181
RODOLFO FUCHS	188
TOBIAS DE LACERDA MARTINS MOSCOSO ...	193

II – ESPAÇOS DE FORMAÇÃO	203
ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE	204
ESCOLA DE MINAS DE OURO PRETO.....	214
ESCOLA POLITÉCNICA DE SÃO PAULO	226
ESCOLA POLITÉCNICA DO RIO DE JANEIRO .	236

APRESENTAÇÃO



APRESENTAÇÃO

O livro *Engenheiros-Educadores e Espaços de Formação* reúne resultados de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Projeto “Ensino industrial no Brasil: sociabilidades e práticas educativas de engenheiros-educadores”, vinculado à Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq (2022-2025), processo nº 305754/2021-1.

A obra constitui um dos desdobramentos das atividades de investigação conduzidas pelo Laboratório de História e Memória da Educação (LAHMED/UFRN), em articulação com a Rede #HISTED que é composta por pesquisadores nacionais e estrangeiros que investigam sobre História da Educação, circulação de ideias pedagógicas, instituições e espaços formativos (espeelho disponível em:

dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9576320534895462.

Assim, trata-se de uma produção coletiva e colaborativa, resultado da socialização de estudos e experiências de pesquisa envolvendo estudantes de iniciação científica, mestrado e doutorado, bem como pesquisadores e pesquisadoras dedicados ao exame das relações entre engenharia, educação e formação profissional no Brasil.

O livro organiza-se em duas partes complementares, a saber: *Engenheiros-Educadores* e *Engenheiras-Educadoras* e *Espaços de Formação*. A primeira parte, reúne perfis biográficos de profissionais que atuaram de forma decisiva na construção de projetos educacionais e institucionais voltados à formação técnica e industrial. Esses perfis iluminam trajetórias individuais e redes de

sociabilidade que atravessam escolas, ministérios, empresas e associações de classe.

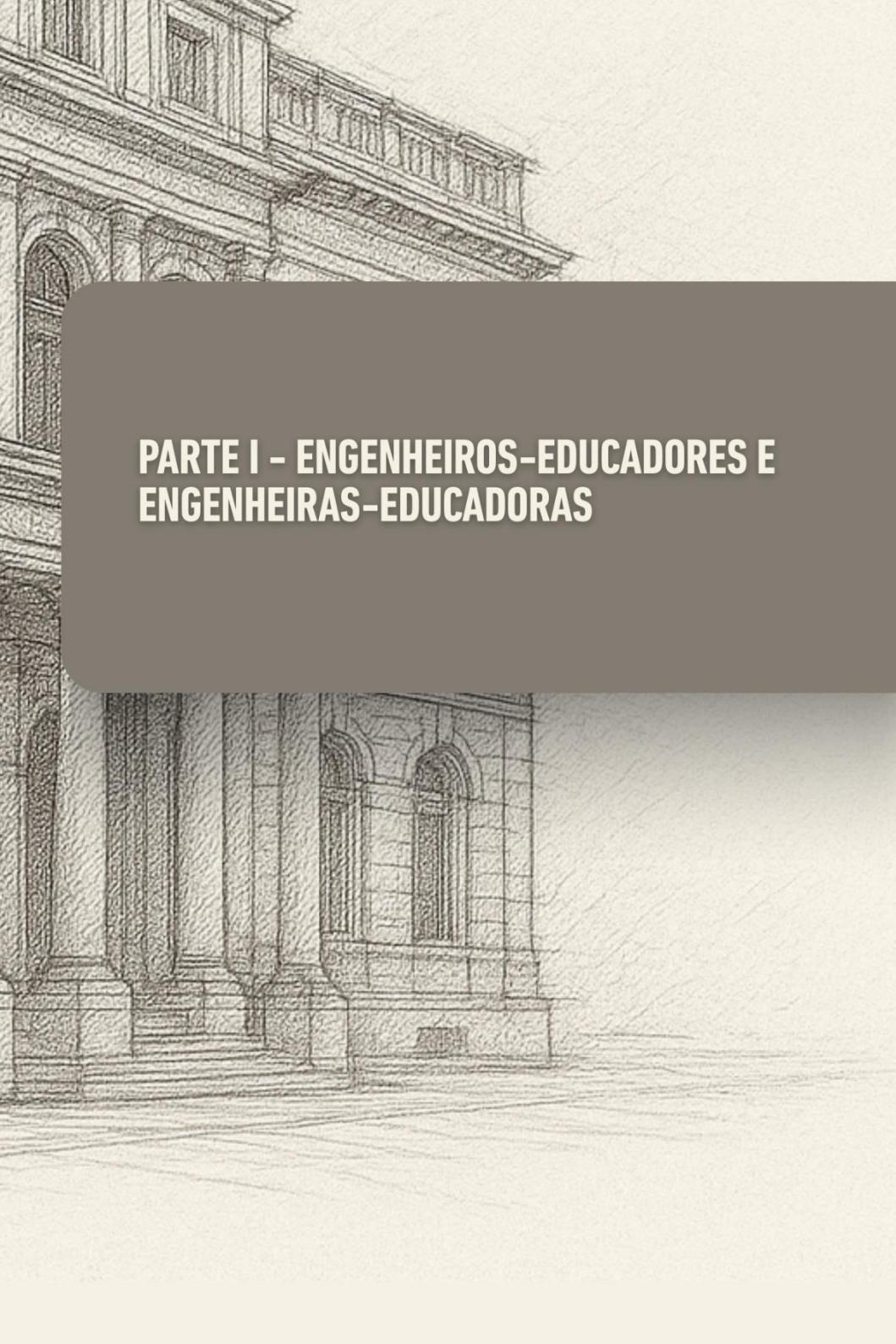
A segunda parte, *Espaços de Formação*, volta-se à análise de instituições emblemáticas de ensino de engenharia e formação técnica, explorando suas dimensões pedagógicas, políticas e culturais. São revisitadas experiências formativas das Escolas de Engenharia de Porto Alegre, de Minas de Ouro Preto, Politécnica de São Paulo e Politécnica do Rio de Janeiro, compreendidas como lugares de produção de saberes, identidades e práticas que ajudaram a modelar o campo educacional técnico e científico no país.

Assim, *Engenheiros-Educadores e Espaços de Formação* propõe um olhar histórico sobre a constituição de um projeto de nação orientado pela ideia de progresso e pela valorização do trabalho técnico-científico.

O livro é, ao mesmo tempo, um registro da pesquisa coletiva e um convite à reflexão sobre as múltiplas formas de ensinar, aprender e formar na interface entre educação, ciência e trabalho.

Olivia Moraes de Medeiros Neta,

Natal, junho/2025.



A detailed pencil sketch of a classical building facade. The sketch shows a series of tall, fluted columns supporting an entablature. Above the columns is a balcony with a decorative railing. The building is rendered with fine lines and cross-hatching, giving it a three-dimensional appearance. The foreground is a simple ground line.

PARTE I - ENGENHEIROS-EDUCADORES E ENGENHEIRAS-EDUCADORAS

AÍDA ESPÍNOLA

Jéssica Souza Martins



Aída Espínola nasceu em 18 de abril de 1920, no Rio de Janeiro. Estudou o primário e ginásio no Colégio Mallet Soares. Concluiu os estudos em 1935, com apenas 15 anos de idade.

¹ **Fonte:** O globo (2015).

[https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/morre-aos-95-anos-apioneira-na-pesquisa-em-celulas-combustiveis-no-brasil-17009774.](https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/morre-aos-95-anos-apioneira-na-pesquisa-em-celulas-combustiveis-no-brasil-17009774)

Em 1943, casou-se com Cesar Godinho Espínola, um colega de turma do Colégio e da Escola Nacional de Química. Não tiveram filhos. Apesar de sonhar em ser médica, o pai a convenceu a matricular-se em Química. Em 1941 graduou-se em Química Industrial, pela Escola de Química, Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E, em 1954, se formou bacharel em Engenharia Química (UFRJ). Em 1958 obteve o título de mestre em Química Analítica na *University of Minnesota*. Em 1974 tornou-se doutora em Química pela *Pennsylvania State University*, em 1974. Possui, ainda, pós-doutorado em *Comisión de Energia Atómica e Instituto de Investigaciones Fisicoquímicas Teoricas Y Aplicadas*. Dedicou-se tanto à pesquisa quanto à atual profissional.

Na trajetória profissional técnica, em 1942, com 21 anos, foi aprovada no concurso

para ser química tecnologista do Laboratório da Produção Mineral (LPM), Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), Ministério das Minas e Energia (MME). Na repartição, implantou e chefiou o Laboratório de Análises Químicas de Rochas, atualmente, renomeado Laboratório de Geoquímica. Dedicou-se a trabalhar na análise dos minérios brasileiros, com a colaboração direta para o desenvolvimento da exploração de óleo e gás do Brasil. Sua atuação profissional é marcada pelo pioneirismo na Análise de Petróleo e no desenvolvimento de pilhas a combustível, que agrupa colaboração ao projeto do Ônibus a hidrogênio - o Ônibus Verde, do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ)

É conhecida como “A dama do Petróleo”, em virtude de sua desenvoltura em análises químicas do material. Em parcerias com suas assistentes desenvolverem o ensaio de cromatografia em camada fina, uma ferramenta que objetiva a identificação da contaminação das rochas por componentes de petróleo. Seu laboratório foi o responsável em conduzir a análise química do óleo extraído do primeiro barril de Lobato, em Salvador, em 1939. Apresentava a percepção que o futuro para o Brasil é a exploração segura das riquezas do pré-sal. Afirmou em entrevista cedida ao CNPq “Quando um país tem um mapeamento completo de suas riquezas, no solo e no subsolo, ele pode planejar o futuro com base no aproveitamento desses recursos”. Em 1960 foi consultora científica da Universidade Federal da Bahia. Na instituição criou e instalou o

Laboratório Labogeo, responsável pelo levantamento geoquímico do estado em que está situado.

Sua notoriedade ultrapassou os limites nacionais, foi reconhecida pela NASA, ao convidar seu laboratório para analisar as amostras de rochas de locais pré-determinadas na Lua por Neil Armstrong na expedição da Apollo 11, que pousou na Lua, em 20 de julho de 1969. Além disso, em 1964, a partir de uma consultoria industrial à General Electric, suas técnicas viabilizaram a comercialização de lâmpadas fluorescentes no Brasil.

Em 1973, foi solicitada pelo Centro Técnico Aeroespacial (CTA) para desenvolver o gerador de energia a bordo de satélites. Aída desenvolveu geradores de eletricidade de pilhas combustíveis, e dedicou-se à temática,

visto que a considerava a tecnologia de energia sustentável.

Além da carreira técnica, iniciou as atividades no magistério a convite da Escola Nacional de Química em 1955, com foco para interdisciplinaridade da química, geologia, mineralogia e geração eletroquímica de energia. Em 1970 assumiu a direção do Instituto de Química da UFRJ, em que contribuiu com a implantação do curso de pós-graduação em Química. Ainda lecionou no Departamento de Química da *Pennsylvania State University* como doutoranda na e foi Professor Visitante na *Florida Atlantic University*. Tem autoria de 150 artigos científicos e 12 livros, destacando o "Ouro Negro: Petróleo no Brasil. De Lobato DNPM-163 a Tupi RJS-646", o livro trata da história da descoberta do petróleo no Brasil até os campos do pré-sal. Aída atuava também com consultoria industrial

de várias áreas da química, eletroquímica, telecomunicações e eletrônica.

Sua trajetória e pesquisas tornaram-na uma das figuras fundamentais na história do petróleo e química no país. Recebeu inúmeras homenagens ao longo de sua carreira, com destaque para a "Medalha Fritz Feigl" e "Medalha João Christovão Cardoso" do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2008, recebeu o título Honorífico de "Pesquisadora Emérita do CNPq", entregue pelo Sr. José de Alencar, Vice-Presidente do Brasil; entre outras honrarias durante sua vida.

Faleceu em 29 de julho de 2015 de insuficiência respiratória. Ela foi sepultada no cemitério de Guaratiba. Após sua morte, seu patrimônio cultural, constituído por livros científicos, dicionários, anotações pessoais e

trabalhos inacabados passaram a fazer parte do patrimônio do Instituto de Química da UFRJ.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DA ESCOLA DE QUÍMICA DA UFRJ. **De 1940 a 1949**. Disponível em:

[https://web.archive.org/web/20161101125402/
http://exaeq.org.br/lista-de-ex-alunos-2/de-1940-a-1949/](https://web.archive.org/web/20161101125402/http://exaeq.org.br/lista-de-ex-alunos-2/de-1940-a-1949/). Acesso em: 25 jun. 2023.

AZEVEDO, Solange. Inspiração: conheça a engenheira química pioneira na exploração de petróleo no Brasil. **Claudia**, 06 jan. 2014.

Disponível em:

<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/inspiracao-conheca-a-ingenheira-quimica-pioneira-na-exploracao-de-petroleo-no-brasil/>. Acesso em: 17 jun. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Aída Espinola (1920-):** Química. Disponível em: <http://memoria.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/->

[/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/1690587](http://journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/1690587). Acesso em: 10 jul. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Aída Espinola**: uma pioneira da área de química industrial. Disponível em:
http://memoria.cnpq.br/noticias-popularizacao/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/1769392;jsessionid=37D4C6EC043DE63DE5038B7060F80253?p_p_state=pop_up&_56_INSTANCE_a6MO_viewMode=print. Acesso em: 07 jul. 2023.

CURRÍCULO Lattes de Espínola. Aída Espínola. Disponível em:
<http://lattes.cnpq.br/5171361377821936>. Acesso em: 25 jul. 2023.

HISTÓRIA CIÊNCIAS E SAÚDE. **Professora da Coppe lança livro sobre a história do petróleo**. Disponível em:
<https://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/professora-da-coppe-lanca-livro-sobre-a-historia-do-petroleo/>. Acesso em: 25 maio 2023.

ANTONIO FRANCISCO DE PAULA SOUZA

Lígia Silva Pessoa e Rafael Duarte Falcão



²

Chamara-se **Antônio Francisco de Paula Souza**, conhecido como Paula Souza. Nascerá em 6 de dezembro de 1843, em Itu, uma vila que

² **Fonte:** Instituto de Pesquisas Tecnológicas. Disponível em: https://www.ipt.br/institucional/campanhas/12-personalidades_ipt_antonio_francisco_de_paula_souza.htm.

apenas em 1842 recebera a categoria de cidade da então Província de São Paulo. Em São Paulo, falecera em 14 de abril de 1917. Pertencera a uma família proveniente da oligarquia rural do interior paulista, composta por fazendeiros e profissionais liberais em Itu, Piracicaba e Rio Claro. Os membros foram influentes política e administrativamente na Província e no Governo Central.

Paula Souza estudou no Colégio Calógeras de Petrópolis, mas concluiu em Dresden, cidade alemã, capital do estado da Saxónia, os seus estudos secundários. Prática comum das famílias oligárquicas, importantes e abastadas: proporcionar aos filhos uma formação secundária e universitária na Europa. O ensino no Brasil para tal estrato social ficava a cargo do seio familiar e professores particulares por

escolha dos partícipes. As escolas formais não os interessavam.

Enquanto esteve na Europa, estudou na Suíça e na Alemanha. Paula Souza estudou engenharia em duas instituições: em Zurique, Suíça, estudou na *Eidgenössische Polytechnische Schule*, posteriormente *Eidgenössische Technische Hochschule* (ETH); em Karlsruhe, Alemanha, estudou na *Polytechnischen Hochschule*. O curso de filosofia foi frequentado na Universidade de Zurique e o curso de química em Karlsruhe. Em 14 de novembro de 1893, já fora reconhecida a sua admirável experiência como engenheiro e político.

Em 1867, Paula Souza retornara ao Brasil, deparando-se com o processo de distribuição do café por via ferroviária a partir de São Paulo, fato que já o despertara profundo interesse enquanto estudante de engenharia. Durante os

anos entre 1868 e 1892, Paula Souza atuou como um engenheiro ocupado em projetar estradas de ferro, inclusive publicara em 1873 o livro "Estradas de Ferro da Província de São Paulo".

Apenas em 1892 foi eleito deputado estadual, ocupando vários cargos administrativos na Província de São Paulo. Paula Souza fora um republicano engajado com as disputas políticas que estavam sendo forjadas pelos partidários dos ideais republicanos: em 1871 houve uma reunião em Itu para a discussão de tais ideias; já em 1873 houve a Convenção de Itu, reunião que forjara o Partido Republicano Paulista (PRP). Anteriormente a isso, em 1869, Paula Souza escrevera "A República Federativa no Brasil", no qual evidenciara sua defesa pela democracia viabilizada pela república.

Em 15 de novembro de 1889, fora instaurado o regime republicano. Dessa reunião saíra os

seus responsáveis e dirigentes. A tal admirável carreira política de Paula Souza começou em 1892 como Parlamentar na Assembleia Legislativa paulista, Deputado Estadual pelo PRP para a segunda legislatura da República Velha (1892-1894) e Ministro dos Negócios Estrangeiros entre 11 de dezembro de 1892 e 22 de abril de 1893, atual Ministério das Relações Exteriores.

Entre 22 de abril de 1893 e 08 de setembro de 1893, Paula Souza assumiu o Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. Enquanto presidente eleito da Assembleia Legislativa estadual, apresentou o anteprojeto para a construção da primeira Escola Politécnica de São Paulo, cujo projeto projetava um ensino técnico de engenharia, baseado nas instituições as quais estudara na Suíça e na Alemanha. Em defesa do projeto de criação da referida

instituição, o engenheiro argumentou que faltava pessoal com conhecimento prático que atendesse ao progresso da indústria no Brasil.

Em 14 de novembro de 1893, Paula Souza foi nomeado diretor da Escola Politécnica, e ocupou este cargo até seu falecimento. Determinado o diretor, cinco professores foram selecionados para compor o corpo docente: Manuel Ferreira Garcia Redondo, João Pereira Ferraz, Luiz Gonzaga de Campos, Luiz de Anhaia de Mello e Francisco de Paula Ramos de Azevedo. O autor de *Os Sertões*, Euclides da Cunha, tivera o nome vetado por Paula Souza nas suas diversas tentativas de ingressar no quadro docente da recém-criada instituição paulista. Ele, recém-formado em engenharia no Rio de Janeiro, mas que se envolvera em polêmica ao publicar dois artigos questionando a criação da Escola n'O Estado de São Paulo.

Paula Souza jamais respondera, porém Euclides da Cunha julgou-se vencedor de tal fantasiosa polêmica.

Por meio de sua habilidade política e argumentos técnicos plausíveis, o projeto fora aprovado e as atividades da Escola Politécnica foram iniciadas em 15 de fevereiro de 1894, com 31 alunos regulares e 28 ouvintes matriculados nos cursos de engenharia civil e industrial e no curso anexo de artes mecânicas. Antônio Francisco de Paula Souza, já próximo do final de sua vida, tivera participação destacada na criação do Instituto de Engenharia de São Paulo.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

ANTONIO FRANCISCO de Paula Souza. Instituto de Pesquisas Tecnológicas (ITP). Personalidades IPT. Disponível em: <https://www.ipt.br/institucional/campanhas/12->

personalidades_ipt__antonio_francisco_de_paula_souza.htm. Acesso em: 12 ago. 2023.

CAMPOS, Cristina de. **Ferroviias e saneamento em São Paulo: o engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza e a construção da rede de infraestrutura territorial e urbana paulista, 1870-1893.** 2007. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em:
<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-30112010-144111/pt-br.php>. Acesso em: 18 jul. 2023.

PADILHA, Rodrigo Bastos. **A formação científica e humanística de Antonio Francisco de Paula Souza, o fundador da Escola Politécnica de São Paulo.** Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em:
<https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/13438/1/Rodrigo%20Bastos%20Padilha.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2023.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola Politécnica. **Prof. Dr. Antônio Francisco de Paula Souza – 1893-1917.** São Paulo. Disponível em:
<https://www.poli.usp.br/institucional/diretoria>

/galeria-de-diretores/prof-dr-antonio-francisco-de-paula-souza. Acesso em: 19 de jul. 2023.

SOUZA, A. F. DE. **A República Federativa no Brasil**. São Paulo: Tip. Ypiranga, 1869.

A REPÚBLICA: PROPRIEDADE DO CLUB REPUBLICANO. Rio de Janeiro, 15 de março de 1871. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=138916&pesq=%22antonio%20francisco%20de%20paula%20de%20souza%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=273>. Acesso em: 19 de jul. 2023.

DIARIO DE S. PAULO. São Paulo, 25 de novembro de 1871. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709557&pesq=%22antonio%20francisco%20de%20paula%20de%20souza%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=7161>. Acesso em: 25 de jul. 2023.

CELSO SUCKOW DA FONSECA

Marcelly Kathleen Pereira Lucas e Olivia Morais de
Medeiros Neta



3

Nascido em 27 de julho de 1905, filho do engenheiro de Luís Carlos da Fonseca e de Glica de Suckow da Fonseca, **Celso Suckow da Fonseca** foi um engenheiro-educador brasileiro

³ **Fonte:** CEFET/ RJ.

que desempenhou um papel significativo no desenvolvimento do ensino industrial no país. Faleceu em 26 de outubro de 1966, em Detroit, nos Estados Unidos, durante uma viagem profissional a convite da Ford Foundation. Seu pai, além de diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, foi membro da Academia Brasileira de Letras.

Formou-se em Engenharia em 1927, pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Posteriormente, realizou o Curso Superior de Locomoções do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional (CFESP), em 1939. No mesmo ano, concluiu o curso da Escola Superior de Guerra (ESG), onde se aprofundou no estudo da formação profissional. Suckow da Fonseca também obteve formação no exterior, graduando-se em Administração de Escolas Técnicas pelo *State College* da Pensilvânia, nos

Estados Unidos, num Programa de Cooperação Educacional firmado entre Brasil e Estados Unidos no ano de 1946 que deu início às atividades da Comissão Brasileiro-Americanana de Educação Industrial (CBAI). Sua busca por conhecimento e especialização em educação e indústria demonstra seu compromisso em aprimorar o ensino técnico no Brasil.

Celso Suckow da Fonseca fez parte de uma geração de engenheiros-educadores, juntamente com nomes como Francisco Montojos, João Lüderitz, Ítalo Bologna e Roberto Mange. Esses profissionais combinaram suas atividades nas ferrovias, indústrias e escolas técnicas, contribuindo para a integração entre a educação e o setor industrial do país. Atuando como engenheiro, foi responsável pelo Hospital Geral dos Ferroviários, situado em Bauru, São Paulo, no ano de 1956.

Atuou na diretoria do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA) entre 1946 e 1966. Foi membro do Conselho Técnico do Sindicato dos Engenheiros em 1962. Também foi vice-presidente da Associação dos Engenheiros da Estrada de Ferro Central do Brasil por dois mandatos.

Embora tenha atuado em diversas instituições, seu envolvimento mais notável foi com a Estrada de Ferro Central do Brasil, onde estabeleceu dez escolas profissionais. No entanto, sua trajetória está intimamente ligada à história da Escola Técnica Nacional/Federal (ETN/ETF), desempenhando um papel fundamental em sua evolução. Em 1967 a escola recebeu o nome desse engenheiro, que foi seu diretor por quatro mandatos, interrompidos pelo seu falecimento.

Sua maior obra é, sem dúvidas, *História do ensino industrial no Brasil* que foi editada originalmente pela Escola Técnica Nacional. A obra está dividida em dois volumes e teve seu primeiro volume publicado em 1961 e o segundo em 1962. Nela, o autor faz um panorama geral do ensino profissional desde o período do descobrimento até a criação do SENAI e da CBAI, finalizando com “A evolução da filosofia do ensino industrial” e um detalhamento das iniciativas para o ensino profissional em cada uma das Unidades da Federação.

Celso Suckow da Fonseca deixou um legado duradouro no campo da educação e do ensino industrial no Brasil. Sua dedicação e contribuições para a formação profissional deixaram marcas significativas. Além disso, consagrou-se como uma importante referência

para o campo da História da Educação Profissional.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

CELSO SUCKOW da Fonseca. CEFET – RJ.

Galeria de Fotos: Diretores da Escola em seus diferentes tempos. Disponível em:
<http://www.cefet-rj.br/index.php/acervo/galeria-de-fotos>.
Acesso em: 12 ago. 2023.

CIAVATTA, M.; SILVEIRA, Z. S. D. **Celso Suckow da Fonseca**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

FONSECA, C. S. **História do ensino industrial no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: ETN, 1962. (Vol. 2).

FONSECA, C. S. **História do ensino industrial no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: ETN, 1961. (Vol. 1).

RODRIGUES, J. Celso Suckow da Fonseca e a sua História do Ensino Industrial no Brasil. **Revista Brasileira de História da Educação**. v. 2, p. 47 – 74, 2002.

SILVA, J. C. C.; MEDEIROS NETA, O. M. DE. História do ensino industrial no Brasil: uma análise historiográfica da obra de Celso Suckow da Fonseca. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, p. e091, 14 out. 2019.

DULCÍDIO ALMEIDA PEREIRA

Débora Cristina de Souza Pereira e Rita Diana de Freitas



4

Dulcídio de Almeida Pereira nasceu em 28 de setembro de 1892, filho do Coronel Arthur Pereira, que atuou como professor, assim como sua mãe, Sophia de Almeida, que mantinha uma escola para mulheres no bairro Andaraí, no Rio

⁴ **Fonte:** Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal Sino Azul, 1942, n.00172, p.5.

de Janeiro, onde moravam juntamente com sua tia. Essa convivência pode ter influenciado notavelmente sua decisão de seguir a carreira de professor posteriormente. Embora algumas fontes afirmem que ele tenha nascido na cidade de São Luís, no estado do Maranhão, outras informam que tenha sido no Rio de Janeiro, cidade na qual ele estudou e constituiu toda a sua vida.

Ele teve dois casamentos ao longo de sua vida. Aos 21 anos, casou-se com Haydeé Carvalho, em 25 de janeiro de 1913, com quem teve três filhas: Marilda de Almeida Pereira, Leda de Almeida Pereira e Neide de Almeida Pereira. Seu segundo casamento foi com Virginia de Oliveira Coimbra Pereira. Destacou-se como engenheiro civil e elétrico, dedicando boa parte de sua vida a essa área. Tornou-se uma figura fundamental no desenvolvimento e

aperfeiçoamento dos estudos voltados à área elétrica no país, assim como da radiodifusão e do cinema no Brasil. Faleceu em 15 de setembro de 1958, na cidade do Rio de Janeiro.

Sua trajetória acadêmica e profissional o conduziu a diferentes cargos no âmbito público e privado. Estudou em um Colégio Militar e destacou-se como um dos melhores alunos, saindo com o título de Major da Instituição. Em seguida, ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e, ainda como estudante, trabalhou na escola como assistente do professor Tisserandot, que estava na Cadeira de Física Industrial e era funcionário da Inspetoria de Iluminação (trabalhando em conjunto com o professor Otto de Alencar). Concluiu seus estudos no ano de 1912, formado na mesma turma de Vicente Licínio Cardoso em 1913.

Após concluir os estudos, seguiu para o magistério como preparador de Física Industrial e Engenheiro de Iluminação. Mais tarde, em 1925, assumiu uma cadeira como professor na Escola Politécnica por meio de concurso, permanecendo no cargo até sua aposentadoria. Também atuou como professor no curso de Física do curso de Química Industrial anexo à Escola Normal do Rio de Janeiro, foi docente do Instituto de Educação, ingressando em 1916 até 1931, quando pediu exoneração. Também foi um dos organizadores do curso da Light e da General Electric. Além disso, atuou como chefe de Inspetoria Geral da iluminação no Rio de Janeiro no início da década de 1920.

Ele acreditava no potencial transformador do rádio e do cinema para promover a integração nacional por meio da cultura. Estava entre os estudiosos pioneiros que contribuíram

para a implementação da radiodifusão no Brasil e que se dedicaram a experiências no campo da cinematografia. Defendia a ideia de que o Estado deveria financiar a produção de filmes e a criação e manutenção de emissoras de rádio voltadas para fins escolares. Juntamente com outros nomes influentes, como Edgar Roquette-Pinto e Jonathas Serrano, Dulcídio Pereira defendia que esses meios de comunicação deveriam estar voltados exclusivamente para fins educativos e culturais, rejeitando a propaganda comercial.

Dulcídio Pereira também se destacou por suas opiniões sobre a transmissão de rádio e a questão da taxa. Em uma carta publicada em uma revista chamada *Radio*, em 1º de outubro de 1924, ele discutiu com uma entrevista anterior que defendia a cobrança de taxa para o rádio. Ele argumentava que a solução para difundir a

cultura para todos era por meio da publicidade, permitindo que as emissoras comerciais se sustentassem e alcançassem maior audiência, mesmo entre a população mais pobre. No entanto, sua argumentação foi questionada, pois o problema real não era a taxa, mas sim a má distribuição de renda no país, que impedia que a população tivesse condições de pagar por esses serviços.

Atuou também no conselho diretor da Associação Brasileira de Educação (ABE), participando de uma série de cursos organizados pela Seção de Ensino Técnico e Superior, sob a direção de Manoel Amoroso Costa. Em uma série de seis conferências, o curso do Engenheiro denominava-se "A física e a Vida Moderna".

A partir da década de 1920, ocorre uma maior intensificação das discussões a respeito

da rádio. Em 1 de abril de 1927, Dulcídio tornou-se sócio denominado efetivo da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro que estava ligada a Academia Brasileira de Ciências (ABC), da qual ele fazia parte como membro. Entre 1928 e 1929, ele participou de uma série de palestras que foram difundidas pela rádio. O objetivo com a Rádio seria potencializar a utilização da radiofonia e tratá-la como um assunto da ciência, difundindo debates sobre diferentes estudos para a população.

Em 5 de junho de 1934, Dulcídio de Almeida Pereira participou do primeiro Conselho da 5^a Região do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA), que abrangeu o Rio de Janeiro, Espírito Santo e Distrito Federal. Ele foi um dos dez membros fundadores da primeira diretoria, o que demonstra sua influência e compromisso com a engenharia e tecnologia no

Brasil. Ingressou e ajudou na fundação da Comissão de Normas Técnicas e Metrologia, permanecendo até 1930. Também participou da fundação do Centro de Preparação de Oficinas da Reserva, juntamente com Correia Lima.

Teve um contato direto com a empresa General Electric (GE) no Brasil. Por volta de 1931, trabalhou na Light Service Bureau até o ano de encerramento em 1935, empresa comandada pela GE e outras empresas do mesmo ramo, ajudando no aperfeiçoamento e desenvolvimento da iluminação no país, como iluminação pública, industrial e doméstica. Mais tarde, tornou-se sócio da *Illuminating Engineering Society* e, em 1937, tornou-se diretor-geral da Electric S.A. Na sua atuação na empresa, contribuiu com sua notável experiência nessa área, elaborando congressos e seminários no campo da ciência, técnica e

pesquisa. Chegou a ir para eventos no exterior para representar a indústria elétrica do Brasil, como no XIX Congresso da Comissão Eletrotécnica Internacional realizado em Londres em 1942.

Dulcídio Pereira também foi responsável por lançar a proposta de fusão da rádio com a ABE ou um acordo de colaboração. Ele acreditava que as duas instituições poderiam se complementar, já que ambas compartilhavam perspectivas semelhantes em relação à importância da educação e da cultura como veículos de comunicação.

Em 8 de agosto de 1944, é inaugurado um laboratório Dulcídio Pereira no SENAI - Escola de Aprendizes, nesse período ele estava atuando como Inspetor Geral das Escolas da Companhia. O laboratório foi em forma de homenagem aos seus serviços prestados por parte dos alunos e

funcionários da instituição. Destaca-se que um dos objetivos de Dulcídio na educação profissional era tornar cada vez mais o ensino prático e objetivo.

Em seus últimos anos de vida, na década de 1950, trabalhou na retomada da circulação da revista *G.E* do Rio de Janeiro como Diretor principal, assim como escreveu diferentes artigos que eram publicados, promovendo a divulgação sobre energia e diversos assuntos correlacionados. Inicialmente, a *G.E* teve sua primeira publicação no ano de 1926 e posteriormente parou de circular em 1930, retomando após essa pausa em outubro de 1953, em comemoração aos 75 anos da empresa General Electric. Sua última edição ocorreu em 1959, pouco tempo depois do falecimento de Dulcídio.

Assim, Dulcídio de Almeida Pereira deixou sua marca na história do Brasil como um pioneiro na radiodifusão e no cinema, defendendo o potencial dessas mídias como ferramentas para o desenvolvimento cultural e educacional da nação. Sua visão e trabalho influenciaram o cenário da comunicação no país, e seu legado continua a inspirar estudiosos e profissionais até os dias atuais.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

ANE Brasil. **Dulcídio de Almeida Pereira.**

Disponível em:

<http://anebrasil.org.br/patronos/dulcilio-de-almeida-pereira/>. Acesso em: 22 julho 2023.

COELHO DA COSTA, P.; MIGNOT, A. C. Entre recomendações, prescrições e interdições: o aparelhamento moderno nas escolas do Distrito Federal (1939-1942). **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 76, p. 173-197, jul./ago. 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/hLd67FDzyptzkMYLQwVJH7n/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 julho 2023.

COSTA, P. C.; PAULILO, A. L. Arautos do Improvável, Pioneiros da Radiofonia e da Cinematografia Educacional no Brasil (1920-1930). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 02, p. 37-59, Abril-Junho 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edur/a/4B3YttMKBMf93KXRNtzbpmr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 julho 2023.

FAMILYSEARCH. **Dulcídio de Almeida Pereira**. Disponível em:

<https://www.familysearch.org/tree/person/memories/GW8H-2J8>. Acesso em: 24 julho 2023.

FON FON. Edição 0025, p. 32, publicado em 20 de julho de 1995. Disponível em:
http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1925/fonfon_1925_025.pdf. Acesso em: 22 julho 2023.

JORNAL SINO AZUL. Ano 1955, Edição 00277, página 37. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.a>

spx?bib=009318&pagfis=8759. Acesso em 26 julho 2023.

JORNAL SINO AZUL. Escola de Aperfeiçoamento dos Empregados. Edição 00172, p. 5, Abril de 1942. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=009318&Pesq=Dulcidio%20Pereira&pagfis=4780. Acesso em: 22 julho 2023.

MAURÍCIO, P. **Conflitos na TV digital brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2022. Disponível em: http://www.editora.puc-rio.br/media/TV%20digital_p3%20(1).pdf. Acesso em: 22 julho 2023.

REVISTA G. E. Edição 0021, p. 5, 1958. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=125091&pesq=%22dulc%C3%ADdio%20de%20almeida%20pereira%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=1163. Acesso em: 26 jul. 2023.

REVISTA SINO AZUL. Edição 00198, p. 6, 1944. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=009318&pagfis=5685. Acesso em: 26 jul. 2023.

EDGAR SUSSEKIND DE MENDONÇA

Heverton Reis



5

Nascido em 25 de agosto de 1896, no Distrito Federal, Rio de Janeiro (RJ), **Edgard Sussekind de Mendonça** deixou uma marca indelével como educador e figura pública, sendo visto com grande admiração e respeito.

⁵ **Fonte:** Documentário Armando (2022).

Filho de Lúcio Eugênio de Menezes e Vasconcellos Drummond Furtado de Mendonça e Annita Clotilde Hasselmann Süsselkind, e irmão de Carlos e Irene Sussekind. Seu pai, Lúcio de Mendonça foi o fundador da Academia Brasileira de Letras.

Edgard Sussekind casou-se com a também professora Armando Álvaro Alberto em 11 de agosto de 1928. Foi um euclidiano ferrenho, visto que se dedicou aos estudos sobre Euclides da Cunha até o seu último dia de vida. Um homem que fomentou contribuição social e mudanças na educação. Nos deixando em vida em 24 de fevereiro de 1958, no Rio de Janeiro, aos 61 anos.

Com suas atuações marcantes, o professor contribuiu para o avanço da educação laica brasileira. Foi professor da Escola Normal, da Escola Superior de Agronomia e do Instituto de Educação do Distrito Federal, além de Diretor

das Escolas Profissionais de Artes Mecânicas e de Artes Gráficas e Veterinária. Além disso, dedicou-se ao Instituto Nacional de Cinema Educativo, onde desempenhou a função de Chefe do Serviço de Orientação Educacional. Foi Sócio Fundador da Associação Brasileira de Educação – ABE e Fundador da Escola Proletária do Meriti em 1921. Estando entre os signatários do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova.

Durante os anos de 1920 e 1930, Edgard e Carlos Sussekind de Mendonça, os dois irmãos de pensamentos semelhantes, fundaram a Livraria Científica: Süsselkind de Mendonça & Cia. Ambos eram anticlericais, comprometidos com o ensino científico e decididos a lutar pelos direitos daqueles que eram oprimidos pelo ensino religioso.

No dia 15 de outubro de 1924, Edgard uniu-se a outros três grandes nomes da educação

brasileira para criar a Associação Brasileira de Educação (ABE): Heitor Lyra da Silva, Everardo Backheuser e Francisco Venâncio Filho. Em conjunto com Cecília Meireles e Armando Álvaro Alberto, dos quais representavam o ensino laico na ABE, se tornaram parte fundamental para o desenvolvimento de programas de ensino profissional e para a criação da Seção VI do Conselho Nacional de Educação (CNE).

Em 1933, foi diretor da primeira emissora de rádio no Brasil: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a convite do cientista Henrique Morize, dono da rádio, e de Roquette Pinto.

No final de 1935 e início de 1936, Edgar Sussekind foi injustamente preso pelo governo Vargas, após se expressar publicamente sobre seu posicionamento contrário ao ensino religioso nas escolas. Acusado de comunista, sem nenhuma prova, o professor e sua esposa

tiveram sua aproximação com a esquerda brasileira marxista e seu posicionamento antifascista usado como fatores de peso. Apesar das dificuldades, conseguiram resistir e, finalmente, foram absolvidos. Porém, precisou esperar até 1947 para ser reintegrado ao cargo de professor da Escola Secundária do Instituto de Educação do Distrito Federal, onde alguns anos mais tarde substituiu Alberto Rangel na presidência da Instituição em homenagem a Euclides, e dedicou-se ao posto até a morte.

Edgard Sussekind de Mendonça deixou um legado que ainda inspira até os dias atuais por seu empenho com a educação. Descrito como um professor euclidiano, de postura positivista, mas com aproximações marxista, teve seu nome homenageado na Escola Municipal do Rio de Janeiro por suas iniciativas como a Associação Brasileira de Educação e o Manifesto da Escola

Nova, sempre visando combater o analfabetismo e promover uma educação laica.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

ARMANDA Documentário educadora Armando Álvaro Alberto. Direção: Liliane Leroux, Rodrigo Dutra. Produção: Liliane Leroux. Roteiro: Flávio Machado, Liliane Leroux, Rodrigo Dutra. Rio de Janeiro: Dutra Filmes, 2022. (41minutos e 21 segundos), son. color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zQ4l8BQi5WM>. Acesso em: 26 jun. 2024.

CARVALHO, Marta Chagas de. A Escola Regional de Meriti e os debates de política educacional constitutivos da Associação Brasileira de Educação nos anos 1920. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 22, n. 50, p. 59-87, set./dez. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984723822502021059>.

EDGAR SUSSEKIND de Mendonça. Family Search. Disponível em: <https://ancestors.familysearch.org/en/LVVW->

F3W/edgar-sussekind-de-mendon%C3%A7a-1896-1958. Acesso em: 15 jul. 2023.

SOUZA, Natália Peixoto Bravo de. O papel dos euclidianos cariocas na monumentalização de Euclides da Cunha **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH** • São Paulo, julho 2011.

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/ana_is/14/1301262004_ARQUIVO_Textoanpuh2011.pdf.

VALÉRIO, Telma Faltz. **As Conferências Nacionais de Educação como estratégias de intervenção da intelectualidade abeana na política educacional do Ensino Secundário no Brasil (1928-1942)**. Curitiba, 2013.

VIDAL, Diana Gomes. Edgard Sussekind de Mendonça. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros. **Dicionário de educadores no Brasil**: da colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: UFRJ/ MEC- Inep, 1999.

VIDAL, Diana Gonçalves. 80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 577-588, jul./set. 2013.

<https://www.scielo.br/j/ep/a/L9NXYsJMYvyRSvPfPxZRqSq/?format=pdf&lang=pt>

XAVIER, Cristiane Fernanda. Educadores em Territórios de Sociabilidade Política (Brasil, 1934-1935). **Educação & Realidade**, vol. 47, e119387, 2022 DOI:

<https://doi.org/10.1590/2175-6236119387vs01>

EUVALDO LODI

Joyce Brenna da Silva e Jéssica Souza Martins



6

Euvaldo Lodi nasceu em Ouro Preto, então capital de Minas Gerais, no dia 9 de março de 1896, filho de Luís Lodi e de Anunciata Lodi,

⁶ **Fonte:** Centro de Memória Sistema FIEP. Disponível em: <https://www.fiepr.org.br/centrodememoria/biografia-euvaldo-lodi-1-14926-119158.shtml>.

imigrantes italianos. Engenheiro, formou-se pela Escola de Minas e Metalurgia de Ouro Preto em 1920. Em 1923, passou a integrar a Comissão Nacional de Siderurgia. Ainda durante a década de 20, assumiu a presidência do Centro Industrial de Juiz de Fora (MG).

Em 1930, deu apoio ao movimento armado que depôs Washington Luís e levou Getúlio Vargas à presidência da República. Em seguida, filiou-se ao Clube 3 de Outubro, organização política criada com o objetivo de apoiar o aprofundamento das reformas introduzidas pelo novo regime. Ainda nos primeiros anos do governo Vargas, foi designado membro de uma comissão formada pelo Centro Industrial do Brasil (CIB), com o objetivo de sistematizar as opiniões daquela entidade acerca das grandes questões que afetavam o setor industrial.

Em 1924 a 1925 dedicou-se a escrever para o jornal carioca “O Imparcial”, sobre assuntos de legislação de minas, estradas, geologia, tarifas aduaneiras, indústrias e problemas gerais.

Membro do conselho diretor da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJ) entre 1931 e 1936, participou intensamente, nesse período, da montagem de entidades sindicais representativas do patronato industrial. Entre 1933 e 1934, participou dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte (ANC) como deputado classista eleito pelo empresariado industrial. Em outubro de 1934, renovou seu mandato de representante classista, participando da legislatura iniciada em maio do ano seguinte. Ainda em 1934, foi nomeado por Vargas membro do Conselho Federal de Comércio Exterior (CFCE). Nos anos que se seguiram, exerceu grande influência nos

conselhos técnico-consultivos criados pelo governo federal, principal canal de viabilização das reivindicações dos industriais.

De 1938 a 1940 foi presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, da Federação dos Sindicatos Industriais do então Distrito Federal e da Confederação Nacional de Indústria (CNI), entidade que tinha a participação das federações industriais de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Durante a vigência do Estado Novo, assumiu a presidência de importantes entidades ligadas ao empresariado industrial. Como dirigente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), presidiu o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), criado em 1942. Integrou também o Conselho Consultivo da Coordenação de Mobilização Econômica, órgão criado pelo governo federal em virtude do envolvimento do

Brasil na Segunda Guerra Mundial e que concentrou grandes poderes durante o período em que existiu. Em 1944, junto com João Daudt de Oliveira, chefiou a delegação brasileira enviada à Conferência de Bretton Woods, nos EUA, que criou o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD). Em 1946, foi um dos fundadores do Serviço Social da Indústria (SESI), entidade da qual foi diretor-geral.

Em 1947, elegeu-se deputado federal por Minas Gerais na legenda do Partido Social Democrático (PSD). Em 1949 publicou a obra "A Indústria e a Economia Nacional". Reeleito por duas vezes, permaneceu na Câmara Federal até 1956.

Com o alijamento do grupo getulista do poder após a morte de Vargas (24/8/1954), a

influência de Lodi nos meios empresariais declinou, sendo sucedido na presidência da FIRJ por Zulfo de Freitas Malmann, que lhe fazia oposição. Ao mesmo tempo, foi substituído na CNI por Augusto Viana Ribeiro dos Santos. Reeleito deputado federal por Minas Gerais ainda em 1954

Casou-se com Alvarina Castro de Oliveira Lodi. No dia 19 de janeiro de 1956, em pleno exercício do mandato de deputado, faleceu em acidente automobilístico entre Jundiaí (SP) e São Paulo. Em 1969, seus feitos à indústria brasileira foram reconhecidos e teve a homenagem de ser nomeado para o Instituto Euvaldo Lodi, um órgão que tem como o objetivo integrar a universidade à indústria.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

BRASIL. Câmara dos Deputados. **EUVALDO LODI**: biografia. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/130569/biografia>. Acesso em: 30 jun. 2023.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ. Centro de Memória. Biografia **Euvaldo Lodi**. [20--]. Disponível em: <https://www.fiepr.org.br/centrodememoria/biografia-euvaldo-lodi-1-14926-119158.shtml>. Acesso em: 08 jul. 2023.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Euvaldo Lodi**. [20--]. Disponível em: <https://jk.cpdoc.fgv.br/biografia/euvaldo-lodi>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MEMÓRIA DA INDUSTRIA. **Euvaldo Lodi, grande exemplo**. [20--]. Disponível em: <https://memorialdaindustriago.com.br/memorial/static/downloads/euvaldo-lodi-913522.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PORTAL INDÚSTRIA. **História**. Disponível em: <https://www.portaldaindustria.com.br/iel/institucional/historia/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

REVISTA DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, Brasília, n. 25, 2018. Disponível em: http://www.sistemaindustria.org.br/publicacao/cni/revista-industria_25_2018/HTML//files/assets/commون/downloads/publication.pdf?uni=ee83f1b07df887f82a9395c6f8bb8d9a. Acesso em: 15 jul. 2023.

EVERARDO ADOLFO BACKHEUSER

Jaciene de Lima Farias, Maria Fátima Moreira Oliveira
França e Laís Paula de Medeiros Campos Azevedo



Everardo Adolfo Backheuser nasceu em 23 de maio de 1879, na cidade de Niterói, Rio de Janeiro. Filho de João Carlos Backheuser e Joaquina Eugênia de Gouvea Backheuser,

⁷ **Fonte:** Dicionário dos Geógrafos Brasileiros.
[73]

ingressou no Ginásio Nacional, instituição que mais tarde se tornaria o Colégio Pedro II, em 1889. Em 1896, ele concluiu seus estudos, formando-se como Bacharel em Letras. No ano seguinte, ele inicia o curso de Engenharia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

Dois anos depois, em 1899, conquistou o título de engenheiro geógrafo e, no ano seguinte, recebeu o prêmio "Gomes Jardim" (medalha de ouro) por estar entre os dois primeiros melhores alunos do curso fundamental. Em 1901, recebeu o diploma de engenheiro civil e, no mesmo ano, tornou-se bacharel em ciências físicas e matemáticas. Pouco tempo depois alcançou o título de doutor em ciências físicas e naturais.

Engenheiro, Geógrafo e professor, Everardo Backheuser destacou-se no cenário do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Além

de professor de Mineralogia e geologia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, o intelectual atuou como professor do Colégio Pedro II, da Escola Normal de Niterói, do Curso Superior de Geografia da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, do Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal e do Curso de Pedagogia da Faculdade Católica de Filosofia (Rabelo, 2016).

Foi diretor de escolas municipais e do Curso Superior de Geografia. Sua atuação na área educacional foi extensa, ocupando diversos cargos de destaque, inclusive, como Diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal. Do mesmo modo, ocupou também cargos político-administrativos, sendo, inclusive, Deputado Estadual na década de 1910.

Devido ao seu engajamento político, Everardo Backheuser esteve preso durante

cerca de quatro meses por repressão política pelo governo de Arthur Bernardes junto a outros membros da ABE, Ferdinando Labouriau e Mário de Brito.

Ainda em 1916, Backheuser foi um dos idealizadores da fundação da Sociedade Brasileira de Ciências, junto com Henrique Charles Morize, Edgard Roquette-Pinto, Antônio Ennes de Souza e outros professores da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. A sociedade, em 1921, passou a ser chamada de Academia Brasileira de Ciências (ABC). Ele integrou a primeira diretoria provisória (1916-1917) como primeiro secretário e ocupou o cargo de secretário-geral da ABC entre 1920 e 1923. Backheuser também foi um dos cofundadores da Associação Brasileira de Educação (ABE) em 1924.

Em 29 de agosto de 1929, Everardo casou-se com Alcina Moreira de Souza, após ter ficado viúvo de sua primeira esposa que morreu numa viagem em família à Alemanha. Sua esposa era professora e compartilhou de suas ações pautadas na ótica da Igreja Católica. Em 1931, foi um dos fundadores da Associação de Professores Católicos do Distrito Federal, que mais tarde se transformaria na Confederação Católica Brasileira de Educação. Essa entidade reunia intelectuais ligados ABE e simpatizantes do Movimento da Escola Nova, com o objetivo de formular políticas educacionais pautadas nos princípios católicos.

No campo educacional, Backheuser destacou-se com a publicação do manual “*A Aritmética na Escola Nova*” em 1933. Segundo Rabelo (2016), a obra menciona os trabalhos de John Dewey e Edward Thorndike, contribuindo

para a disseminação das ideias desses teóricos norte-americanos no Brasil. Em 1934, ele publicou o livro *“Técnica da pedagogia moderna: teoria e prática da escola nova”*. Este livro foi reformulado e publicado sobre o nome de “Manual de Pedagogia Moderna”. Além destes, o intelectual publicou ainda *“O trabalho nas escolas experimentais do Distrito Federal”* (1937), *“Ensaio de biotipologia educacional”* (1941) e *“Como se ensina a aritmética: fundamentos psicopedagógicos”* (1946), além de possuir uma ampla produção na área da geografia e geopolítica.

Considerado um dos primeiros intelectuais a escrever sobre aritmética com uma abordagem religiosa da Escola Nova. Além disso, produziu um instrumento de pesquisa inédito com as contribuições da Biotipologia para a educação, auxiliando no

desenvolvimento dos alunos. Organizou de forma didática e sistematizada as teorias e práticas da Escola Nova, demonstrando o melhor caminho pedagógico para os professores. Também escreveu sobre as características importantes para ser professor e as principais condições e demandas para o exercício da profissão.

Além disso, entre 1926 e 1928, participou ativamente de cursos e conferências promovidos pela ABE, que tinham como objetivo a divulgação científica. Em 1926, ministrou o curso “*A Estrutura Geopolítica do Brasil*”, apresentado em uma série de seis conferências. Após se aposentar da Escola Politécnica, em 1927, o intelectual passou a se dedicar, especialmente, à pedagogia primária e aos ideais da Escola Nova.

Backheuser marcou de forma significativa a educação, mas sua influência estendeu-se além desse campo. Dedicou-se a diversas áreas culturais, tanto no país quanto no exterior. Em 1906, conduziu um curso de línguas vivas através das colunas do jornal "O País", ministrando aulas de esperanto e fundando o "Brazilia Klube Esperanto", do qual foi o primeiro presidente. Também foi presidente da Liga Brasileira de Esperanto, fundada em 1907. Participou ativamente de diversas campanhas sociais e educacionais, como a reforma do ensino de Geografia em 1926 e a campanha pelo ensino religioso para professores católicos a partir de 1928. Junto a sua esposa, também esteve à frente da "Cruzada Pedagógica pela Escola Nova"

Foi jornalista colaborador de vários jornais, como o Correio da Manhã (1930) e o Jornal do

Brasil (1923-1937). Além de colaborador efetivo de jornais e revistas, fundou o Boletim (1932-1933) da Associação dos Professores Católicos, que posteriormente foi reformulado e se transformou na Revista Brasileira de Pedagogia (1934-1936).

Everardo Adolfo Backheuser faleceu em 10 de outubro de 1951, na cidade do Rio de Janeiro, aos 72 anos de idade, deixando um legado significativo para a educação e a ciência brasileira.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

CENTRO DOM VITAL. **Everardo Backheuser e a Pedagogia Católica**. Disponível em: <https://centrodomvital.com.br/everardo-backheuser-pedagogia-catolica/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

BACKHEUSER, E. **Manual de Pedagogia Moderna**: Biblioteca Vida e Educação. 2. ed. Rio

de Janeiro, RJ: Editora Globo, 1958. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/168709>. Acesso em: 15 jun. 2024.

EVERARDO ADOLFO BACKHEUSER.

FamilySearch. Disponível em:

<https://www.familysearch.org/tree/person/details/GZN8-V99>. Acesso em: 14 ago. 2024.

EVERARDO BACKHEUSER. Dicionário dos Geógrafos Brasileiros. GeoBrasil. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Geografia. Disponível em:

<http://www.grupogeobrasil.uerj.br/geografo.php?id=79&lab=1>. Acesso em: 14 ago. 2024

MUSSO, A. J. de M. Vultos da Geografia do Brasil: Everaldo Adolpho Backheuser. **Revista brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v.17, n.01, 1955, p.92-93.

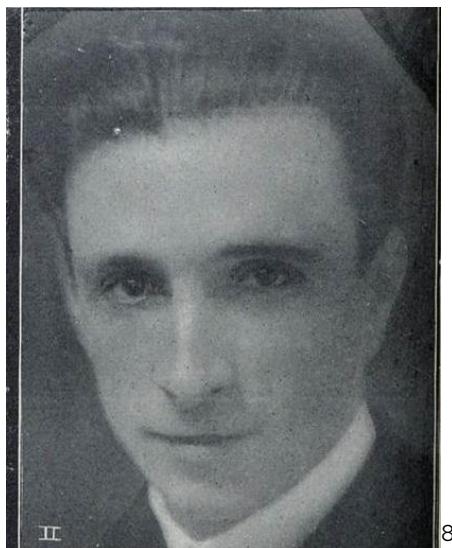
RABELO, R. S. **Destinos e trajetos**: Edward Lee Thorndike e John Dewey na formação matemática do professor primário no Brasil (1920-1960). [Tese de Doutorado em Educação]. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2016.

ROSA, Maristela da. Fragmentos de uma memória viva: a experiência vivida por Everardo Backheuser arquivada por Alcina Moreira de Souza. **Anais do III Seminário Internacional História do Tempo Presente**. Florianópolis: UDESC, 2017. Disponível em: <https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/IIISIHTP/paper/viewFile/546/471>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. "A crédula ingenuidade de nosso povo sinceramente católico": Everardo Backheuser, cultura política educacional católica e unidade do território nacional (1933-1944). **História: Debates e Tendências**, v. 23, n. 1, p. 34-50, 2023. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/<https://www.redalyc.org/journal/5524/552475668003.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.

FERDINANDO LABOURIAU FILHO

Laís Paula de Medeiros Campos Azevedo e Nara
Lidiana Silva Dias Carlos



Filho de Ferdinand Eugene Labouriau e de
Pauline Josephine Isnard, **Ferdinando**
Labouriau Filho nasceu em 2 de março de 1893,

⁸ **Fonte:** Hemeroteca Digital Brasileira. Revista O Cruzeiro (RJ), 08 de dezembro de 1928, p. 08.

no Rio de Janeiro, Brasil. Estudou no Colégio São José e, em seguida, ingressou no curso de engenharia da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Formou-se como engenheiro civil e bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas no ano de 1915 pela mesma Escola. Engenheiro. Focou sua análise no aproveitamento das forças hidráulicas, prevendo a relevância das hidroelétricas. Em 1918, é aprovado no concurso para Escola Politécnica como professor de metalúrgica e siderurgia.

Casou-se com Judith Soares de Gouvea em fevereiro de 1919, na cidade do Rio de Janeiro. Eles tiveram 2 filhos e 1 filha, chamados Ivan, Luiz Fernando e Vera. Seu primogênito Ivan Gouvêa Labouriau é um reconhecido e premiado engenheiro naval. Já o filho do meio, Luiz Fernando Gouvêa Labouriau, foi um dos maiores nomes da botânica nacional.

Em 1924, foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Educação (ABE), integrando a diretoria de 1926 a 1927. Na ABE, Labouriau presidiu ainda a Seção de Ensino Técnico e Superior no ano de 1925. Nessa seção, integrou a comissão organizadora do inquérito produzido em 1927 sobre o problema universitário brasileiro. Foi primeiro diretor da Academia Brasileira de Ciências e da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, sendo professor cátedra desta última instituição até o seu falecimento. Organizou durante dois anos cursos denominados extensão universitária na Universidade do Rio de Janeiro. Também foi o principal fundador e membro do Diretório do Partido Democrático do Distrito Federal, criado em 1927.

Entre os anos de 1924, Ferdinando Labouriau esteve preso por repressão política

pelo governo de Arthur Bernardes junto a outros membros da ABE, Everardo Backheuser e Mário de Brito (Carvalho, 1998). Ainda em 1924, o citado estudioso escreveu o Livro “O nosso problema Siderúrgico” e o Livro “Curso abreviado de siderurgia” em 1928.

Em 1926, foi escolhido para a Presidência da emissora Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (PRA2). De acordo com Coelho (2014), junto com a Rádio Club do Brasil, continuou reivindicações pela livre irradiação dos espetáculos clássicos realizados no Teatro Municipal.

Junto com Amoroso Costa, Tobias Moscoso, Vicente Licínio Cardoso e outros intelectuais da ABE e da ABC, promoveu campanhas pela reforma do ensino e pela instituição de um ensino superior pautado no modelo universitário e direcionado às pesquisas. Labourau participou da I e da II Conferência Nacional de Educação,

promovida pela ABE (1927 e 1928). Em 1927, ele defendeu a tese "Sobre um Ministério da Educação Nacional".

Em 1928, Labouriau escreveu um artigo denominado "Uma visão do anno 2000" na Revista O Cruzeiro (RJ) no qual escreveu "Não há necessidade de sair para fazer compras: vê-se, escolhe-se, encomenda-se tudo pelo telefone-tevisor automático. Não há mais necessidade de viajar, para ver terras longínquas: é só ligar o receptor, e visita-se, comodamente, qualquer museu, ou qualquer país" (Labouriau, 1928, p. 26).

Cabe destacar ainda, que Labouriau foi um importante engenheiro das siderúrgicas no Brasil. Ao citar a obra "Curso abreviado de siderurgia", Barros (2012) explica que o citado intelectual foi um dos principais defensores do projeto Itabira na segunda metade da década de 1920.

Ele faleceu em 3 de dezembro de 1928, em sua cidade natal, com 35 anos em um desastre de aviação que homenagearia Santos-Dumont. Labourau e mais cinco cientistas formavam a comitiva de recepção a bordo do hidravião que escoltaria o navio que trazia Santos-Dumont, o hidravião caiu de uma altura de 300 metros, nas imediações da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

BARROS, Gustavo. **Discurso e contexto**: política siderúrgica no primeiro governo Vargas (1930-1937). 2014. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/poseconomia/files/2012/09/TD-007-2012-Gustavo-Barros1.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2023.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica**: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

COELHO, Patrícia. Intelectuais em defesa da radiocultura (1920-1930). **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 37, n.2, p. 51-70, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/D7r96Lm5b3Z4phvstbkvp7m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jul. 2023.

COSTA, Patrícia Coelho da; MIGNOT, Ana Chrystina. Entre recomendações, prescrições e interdições: o aparelhamento moderno nas escolas do Distrito Federal (1939-1942). **Educar em Revista**, v. 35, p. 173-197, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hLd67FDzyptzkMYLQwVJH7n/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2023.

EM HOLOCAUSTO à Glória. Revista O Cruzeiro (RJ), 08 de dezembro de 1928, p. 08. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&Pesq=%22manoel%20amoros%20costa%22&pagfis=279>. Acesso em: 07 jul. 2023.

FERDINANDO LABOURIAU. **Family Search**. Disponível em:

<https://www.familysearch.org/tree/person/about/LB9C-8NP>. Acesso em: 18 jul. 2023.

FERDINANDO LABOURIAU. Associação Brasileira de Educação. Galeria dos Presidentes. Disponível em:

<https://www.abe1924.org.br/quem-somos/galeria-dos-presidentes/102-ferdinando-labouriau>. Acesso em: 09 ago. 2023.

FIOCRUZ. **Radio Sociedade**: a primeira emissora de ciência no Brasil. Rio e janeiro: Fiocruz, 1928. Disponível em:

<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>. Acesso em: 20 jul. 2023.

LABOURIAU, Ferdinando. Uma visão do anno 2000. Revista O Cruzeiro, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 25-27, novembro, 1928. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pagfis=33>. Acesso em: 18 jul. 2023.

OS TRABALHADORES devem manter-se numa atitude energética, porque a degola de Minervino está mais próxima do que eles supõem. **Crítica**, Rio de Janeiro, 27 nov. 1928. N° 6, p. 07. Disponível

em: <http://memoria.bn.br/DocReader/372382/24>. Acesso em: 19 jul. 2023.

OS COMPANHEIROS. Ciéncia para todos, Rio de Janeiro, 27 nov. 1949. N° 10, p. 08. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/085782/147>. Acesso em: 19 jul. 2023.

FRANCISCO BELMONTE MONTOJOS

Marcelly Kathleen Pereira Lucas e Leidiana de Souza



9

Nascido em Porto Alegre (RS), em 29 de novembro de 1900, **Francisco Belmonte Montojos** era filho de Manoel da Conceição Montojos, também engenheiro, e de Maria Rita

⁹ **Fonte:** CEFET/RJ.

da Fonseca Montojos. Proveniente de uma família renomada, pertenceu às classes abastadas da sociedade gaúcha. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 1981.

Formou-se em Engenharia Civil, pela Escola de Engenharia de Porto Alegre, em 1925, na qual também foram formados os engenheiros João Lüderitz e Rodolfo Fuchs. Francisco Montojos fez parte de uma geração de engenheiros educadores, entre os quais estão também João Lüderitz, Celso Suckow da Fonseca, Ítalo Bologna e Roberto Mange. Mantinha em seu círculo de sociabilidade, nomes como Anísio Teixeira, Getúlio Vargas, Gustavo Capanema, Lourenço Filho, Joaquim Faria Góis Filho, entre outros (Ramos, 2019).

No âmbito da administração, Francisco Montojos deu início a sua atuação no Serviço de Remodelação. Em 1927 passou a ser inspetor do

Ensino Industrial; em 1934 assumiu o cargo de Superintendente do Ensino Industrial; em 1937 assumiu a Divisão do Ensino Industrial, a qual posteriormente passou a se chamar Diretoria do Ensino Industrial, mas que Montojos se manteve à frente. O engenheiro educador permaneceu no cargo, mesmo após as saídas de Getúlio Vargas do poder e de Gustavo Capanema do Ministério da Educação, o qual deixou de exercê-lo somente em 1949. Embora tenha havido a saída, em 1955, o engenheiro voltou a assumir o cargo que ocupava, agora no governo de Juscelino Kubitschek, permanecendo nele até 1961. A trajetória de Francisco Montojos não se restringiu somente às esferas política e administrativa. Montojos, foi diretor da Escola Normal Wenceslau Braz durante o mesmo período que foi inspetor do ensino industrial,

assim como também foi superintendente da CBAI durante dois períodos intercalados.

Francisco Montojos, engenheiro, educador e intelectual engajado, desempenhou um papel crucial em várias frentes. Participou ativamente de grupos de trabalho importantes, desempenhando um papel de destaque nas negociações entre o governo e os empresários industriais. Além disso, Montojos escreveu relatórios e pareceres que foram amplamente utilizados como referência para a elaboração de decretos e leis. Dentre todas essas ações, contribuiu de forma direta nas propostas de criação das bases da educação profissional no Brasil (Ramos, 2019).

Dentre as comissões e iniciativas nas quais o engenheiro participou, destaca-se a Lei Orgânica do Ensino Industrial, a Lei n. 4.073, de 30 de janeiro de 1942, a qual foi um marco para

a educação técnica e profissional no país. Montojos também teve participação significativa na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - a LDB, publicada em 1961, que estabeleceu as bases para o sistema educacional brasileiro.

Francisco Montojos também contribuiu na escrita sobre o Ensino Industrial, como revela a sua obra de 1949 intitulada: *Ensino Industrial*. Publicada pelo Ministério da Educação e Saúde Pública juntamente com a Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial - CBAI, o engenheiro discorreu sobre a importância e o preconceito recaído sobre o trabalho manual, da saúde física e mental, sobre a “velha pedagogia”, educação literária e educação científica, as dificuldades enfrentadas no período, entre outros assuntos pertinentes ao Ensino Industrial (Montojos, 1949).

Por meio de suas atividades e influência, Francisco Montojos deixou um legado duradouro na educação e no desenvolvimento do ensino profissional no Brasil. Seu compromisso e conhecimento foram essenciais para moldar políticas e diretrizes que impulsionaram a formação de profissionais qualificados e contribuíram para o desenvolvimento industrial do país.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

FONSECA, Celso. Suckow. **História do ensino industrial**. Rio de Janeiro: Escola Técnica Nacional, 1961.

LUCAS, Marcellly Kathleen Pereira; MEDEIROS NETA, Olivia Moraes. FRANCISCO MONTOJOS: UM INTELECTUAL DO ENSINO INDUSTRIAL (1927 - 1959). In: VIANNA, Marcelo et al. **Educação Profissional e Tecnológica: Experiências e lugares de memória**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Fi, ISBN 978-65-5917-605-2.

2022, p. 203-221. Disponível em:
<https://www.editorafi.org/ebook/605profissional>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MONTOJOS, Francisco. **Ensino Industrial**. Rio de Janeiro: MES/Cbai, v. 5, 1949.

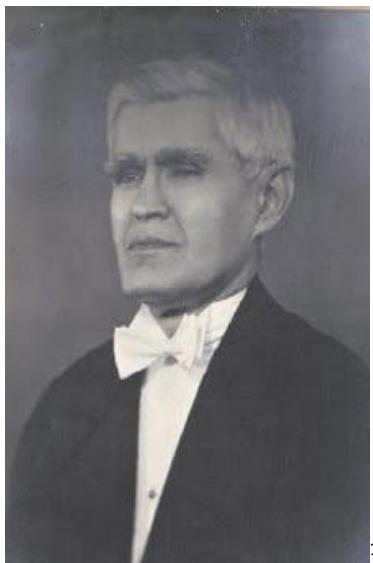
PEDROSA, José Geraldo; SANTOS, Oldair Glatson. A atuação de Francisco Montojos na constituição e na instituição do novo ensino industrial brasileiro (1934-1942). **Educação & Tecnologia**, n. 13, 2015.

PEDROSA, José Geraldo; SANTOS, Oldair Glatson. Agentes do Ensino Industrial no Brasil (1920-30-40) e suas referências internacionais: Europeísmo e Americanismo. **Cadernos de História da Educação**, v. 13, p. 313-334, jan./jun. 2014.

RAMOS, Nívea Maria Teixeira. **PENSADORES DO ENSINO INDUSTRIAL NO BRASIL: Atuação e ideias de Francisco Montojos no período de 1927 a 1949**. 2019. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, Belo Horizonte, 2019.

FRANCISCO VENÂNCIO FILHO

Joyce Brenna da Silva Lima Rodrigues, Laís Paula de Medeiros Campos Azevedo e Leidianha de Souza



10

Francisco Venâncio Filho nasceu na cidade de Campos dos Goytacazes, Estado do Rio de Janeiro, em 14 de abril de 1894. Era filho de

¹⁰ **Fonte:** Autores Campistas. Disponível em: <http://autorescampistas.blogspot.com/2012/12/francisco-venacio-filho.html>.

Francisco Venâncio e Antônia Gomes Venâncio. Engenheiro, educador, professor, “amigo póstumo” de Euclides da Cunha, Venâncio Filho construiu uma trajetória no campo educacional brasileiro, integrando uma elite intelectual atuante na primeira metade do século XX. Casou-se com a professora de inglês Dina Venâncio Filho, com quem dois filhos: Fernando Venâncio Filho e Alberto Venâncio Filho. Este último, advogado, historiador e membro da Academia Brasileira de Letras, que ocupou diversas funções administrativas e educacionais. A escolha dos nomes dos filhos teria sido uma homenagem a seus amigos Fernando de Azevedo e Alberto Rangel.

Iniciou o curso primário na Escola Alemã, concluindo-o no antigo Externato Aquino da capital federal, no qual bacharelou-se em ciências e letras no ano de 1910. Foi professor

dessa instituição. Em 1916, passou a atuar como professor de física da Escola Normal do Rio de Janeiro, que viria a se tornar Instituto de Educação.

No ano seguinte, formou-se em engenharia civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. O engenheiro-educador Venâncio Filho direcionou a sua atuação para o campo educacional, destacando-se enquanto professor e atuando junto a Diretoria de InSTRUÇÃO PÚBLICA do Rio de Janeiro e participando de outras instituições. Em 1924, foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Educação (ABE), integrando o conselho diretor em diversos períodos.

Foi professor do Colégio Pedro II de junho de 1920 a dezembro de 1937. Além de lecionar física, Venâncio Filho fez concurso para a cadeira de História da Educação no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em dezembro de

1942. Em 1945, ele se torna diretor dessa instituição.

Em 1914, quando ainda cursava a Escola Politécnica, Venâncio Filho foi convidado para integrar o Grêmio Euclides da Cunha. Os membros desse Grêmio literário intitulavam-se como “amigos póstumos” de Euclides da Cunha e essa relação com o escritor será uma das marcas da vida de Venâncio Filho. Junto com Edgar Sussekkind de Mendonça, ele dirigiu este Grêmio.

Ao lado de outros engenheiros-educadores, como Amoroso Costa, Dulcídio Pereira e Ferdinando Labouriau, Venâncio Filho também foi sócio da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, inclusive atuando como membro do conselho diretor. Costa e Mignot (2019) destacam o interesse de intelectuais da ABE e os reformadores da Capital Federal pela

potencialidade dos meios de comunicação à serviço da educação. Segundo as autoras, esses intelectuais “acreditavam que o rádio e o cinema seriam capazes de promover a integração nacional por meio da cultura” (Costa; Mignot, 2019, p. 178).

Fernando de Azevedo, no Inquérito sobre a Instrução Pública de São Paulo, produzido em 1926 e publicado pela Companhia Editora Nacional (1937), atribui a Venâncio Filho a frase “ou nós educamos o povo para que dele surjam as elites, ou formamos elites para comprehenderem a necessidade de educar o povo” (Azevedo, 1937, p. 08).

Venâncio Filho também se dedicou a sua produção intelectual, escrevendo monografias e livros, colaborando em revistas e jornais. Encontramos alguns de seus textos publicados nas revistas A Escola Primária (RJ), Escola Nova

(RJ) e Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Escreveu também livros didáticos, como Ciências Físicas e Naturais (1932) e Física (1935). Ambos, ambos, com a colaboração de Edgar Sussekind. No ano de 1930, Venâncio Filho e Jonathas Serrano, publicam o livro "Cinema e Educação" pela Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo. Na Revista Escola Nova, da Diretoria Geral de Instrução Pública de São Paulo, na edição de julho do ano seguinte, os autores publicam um extrato desse livro sob o título "O cinema educativo".

Pela Companhia Editora Nacional, Venâncio Filho publicou dois livros dedicados à Euclides da Cunha: Euclides da Cunha e seus amigos (1938) e A Glória de Euclides da Cunha (1940). Entre as obras do autor, destacamos ainda "Educar-se para educar" (1931), "Notas de Educação" (1933) e "A educação e seu

aparelhamento moderno" (1941). Neste último livro, Venâncio Filho apresenta esse aparelhamento moderno constituído por brinquedos, cinema, rádio, fonógrafo, viagens e excursões, museus e livros.

Viana Filho (1990) considera Venâncio Filho como parte de uma confraria, "a nata dos educadores brasileiros, todos empenhados em tomar novos caminhos" (1990). Entre os nomes citados pelo autor, estão Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Mário Casassanta, Afrânio Peixoto e Anísio Teixeira. Deste último, Venâncio Filho, tornou-se amigo quando Anísio Teixeira assume a Diretoria de Instrução Pública do Rio de Janeiro. Venâncio Filho participou ativamente do movimento reformista da educação brasileira nas primeiras décadas do século XX, sendo um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

Venâncio Filho faleceu no dia 12 de agosto de 1946, na cidade de São Paulo, quando se dirigia para São José do Rio Pardo, a fim de participar da Semana Euclidiana.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

AZEVEDO, Fernando de. **A Educação Pública em São Paulo, problemas e discussões:** inquérito para O Estado de S. Paulo em 1926. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. Disponível em:
[https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/180/1/98%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf.](https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/180/1/98%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf)
Acesso em: 12 ago. 2023.

COSTA, Patricia Coelho da; MIGNOT, Ana Chrystina. Entre recomendações, prescrições e interdições: o aparelhamento moderno nas escolas do Distrito Federal (1939-1942). **Educar em Revista.** n. 76, 2019, p. 173-197. DOI:
[https://doi.org/10.1590/0104-4060.67778.](https://doi.org/10.1590/0104-4060.67778)

FRANCISCO VENÂNCIO FILHO. Associação Brasileira de Educação. Galeria dos Presidentes.

Disponível em:

<https://www.abe1924.org.br/quem-somos/galeria-dos-presidentes/114-francisco-venancio-filho>. Acesso em: 09 ago. 2023.

FRANCISCO VENÂNCIO FILHO. Autores Campistas. Disponível em:

<http://autorescampistas.blogspot.com/2012/12/francisco-venacio-filho.html>. Acesso em: 09 ago. 2023.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. Contribuição norte-americana à educação no Brasil. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. v. IX, n. 25, nov./dez., SP. 1946, p. 229-266. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.9i25>.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. *O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova: 1932*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas Ltda., 1989. 56p. Disponível em: http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/o_manifesto.html. Acesso em: 13 ago. 2023.

VIANA FILHO, Luís. **Anísio Teixeira: a polêmica da educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 210p. Disponível em:

http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/livrog/charma_livrog.htm. Acesso em: 12 ago. 2023.

JEREMIAS PINHEIRO DA CÂMARA FILHO

Gabriella de Fátima Dantas do Nascimento Vasconcelos
e Rita Diana de Freitas



Jeremias Pinheiro da Câmara Filho, nascido em 15 de agosto de 1912, no estado do Rio Grande do Norte, filho de Jeremias Pinheiro da Câmara e Dona Eudóxia Gomes da Câmara.

¹¹ **Fonte:** CEFET/ RJ.

Foi casado com Luiza Campos Pinheiro, mas não há registro que tenha tido filhos.

Concluiu o ensino secundário no Atheneu Norte Riograndense no ano de 1933 e graduou-se em Agronomia na 35^a turma (1937.2) da Escola Superior de Agricultura de Lavras/MG, atualmente, Universidade Federal de Lavras (UFL).

Foi colaborador do jornal católico *A Ordem* assinando a coluna *Vida Rural* com matérias sobre agronomia em geral. O público que desejasse tirar dúvidas alusivas à agronomia deveria enviar carta à redação do jornal endereçada à pessoa de Jeremias Pinheiro Filho.

Em 1938, Jeremias Pinheiro Filho integrava a comissão técnica de agricultura da Sociedade Agropecuária do Rio Grande do Norte. Neste mesmo ano, atuava como professor no Ateneu Norte Rio-grandense. Em 21 de março de 1939,

foi exonerado, a pedido, da cadeira de Matemática dessa escola, que vinha regendo interinamente, conforme portaria da Diretoria Geral do Departamento de Educação.

Em 23 de agosto de 1939 foi nomeado diretor do Liceu Industrial do Rio Grande do Norte. Todavia, sua posse só aconteceu em 13 de setembro e o exercício no dia 14 de setembro do mesmo ano. Durante sua gestão, houve a transformação do Liceu Industrial em Escola Industrial de Natal (Decreto-lei nº 4.127, de 25 de fevereiro de 1942).

Sua gestão à frente da Escola Industrial de Natal foi marcada por práticas austeras, moralizadoras e disciplinadoras. Tão logo tomou posse, criou na Escola o primeiro grupo de escoteiros e instalou o Centro Lítero-Recreativo Nilo Peçanha, o qual passou a ter efetiva participação na exaltação das datas cívicas.

Jeremias Pinheiro Filho via no escotismo um importante aliado a integrar a sua obra educativa, incorporando-o na rotina da instituição durante toda sua gestão.

De 27 de agosto de 1947 a 30 de dezembro de 1947 integrou um grupo de 10 diretores de Escolas Industriais brasileiras que viajaram aos Estados Unidos para fazer um curso de especialização e aperfeiçoamento durante 4 meses no Estado de Pensilvânia (EUA). Esse curso foi fruto do acordo celebrado entre o governo brasileiro e o governo americano por meio da Comissão Brasileiro-americana de Educação Industrial (CBAI), com fins de aperfeiçoamento do ensino técnico industrial.

Após o longevo período à frente da Escola Industrial de Natal (15 anos, de 1939 a 04 de outubro de 1954) e na qual deixou "provas inequívocas da sua atuação enérgica e

proveitosa (Boletim da CBAI, 1954, p. 1308), foi nomeado pelo então presidente da República, Café Filho, Diretor da Escola Técnica Nacional.

Em 1954, Jeremias Pinheiro acompanhado de sua esposa, foi até São Paulo com permanência de dois meses na capital para fazer um Curso de Férias para Diretores de Escolas Técnicas e Industriais, no foco nos seguintes temas: administração e supervisão do ensino, orientação educacional, mercado de mão de obra e da comunidade. Ao retornar, assumiu suas funções na Escola Industrial de Natal (Diário de Natal, n. 03479B, p. 8).

Em 1960, depois do término de uma greve dos estudantes da Escola Técnica Federal de Pernambuco, Jeremias Pinheiro Filho foi nomeado interventor pelo Ministério da Educação e Cultura na Escola Técnica Federal de Pernambuco - ETFPE (Vasconcelos, 1984).

Em 1962, em reunião em Brasília, quando ainda estava à frente da Escola Técnica Federal de Recife, integrou o grupo de trabalho constituído por diretores das escolas industriais e técnicas brasileiras e pela SUDENE, como representante da região, para discutirem a preparação de mão-de-obra especializada. Na Diretoria de Ensino Industrial (DEI), em 1963 era Supervisor das Escolas Técnicas Federais, onde realizava o trabalho de supervisão das escolas técnicas federais brasileiras.

No Desporto, Jeremias Pinheiro deixou um grande legado. Em 1938, passou a integrar a diretoria do “Centro Náutico Potengi”, como 1º secretário. Entretanto, sua trajetória tem início no Sport Náutico no ano de 1929, quando foi estudante e sócio fundador. Representou o Rio Grande do Norte no futebol nos anos de 1929 e

1931, assim como possui várias vitórias na "Yole" no Rio Grande do Norte.

Em 20 de outubro de 1938, passa a compor a nova diretoria do América Futebol Clube para o biênio 1938-1940 (assembleia realizada em 29 de setembro de 1938). Na nova composição, Jeremias Pinheiro Filho era o 1º secretário, vindo no futuro a se tornar seu presidente (1953 - 1956). Jeremias Pinheiro Filho faleceu em 30 de agosto de 1991, aos 79 anos, de insuficiência respiratória aguda, edema agudo do pulmão e miocardiopatia dilatada.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

BOLETIM DA CBAI. **Escola Técnica Nacional tem novo Diretor**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 9/10, p. 1308, set/out. 1954.

DIÁRIO DE NATAL. **Dr. Jeremias Pinheiro Filho**. Natal, 21 jan. 1954, n. 03479B, p.8.

FREITAS, Rita Diana de. **A trajetória da Escola de Aprendizes Artífices de Natal**: república, trabalho e educação (1909 - 1942). 1. ed. Natal: SEDIS-UFRN, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/43db830c-29a6-4f98-a5bd-9e830995d7e3>.

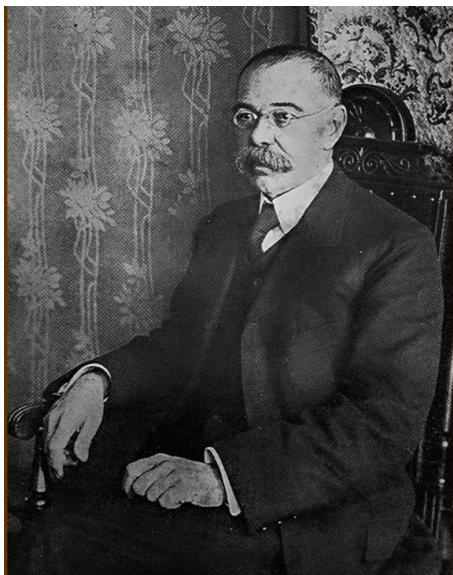
GURGEL, Rita Diana de Freitas. **A Trajetória da Escola de Aprendizes Artífices de Natal**: República, Trabalho e Educação (1909–1942). Tese. 232f. (Doutorado em Educação – UFRN). Natal, 2007.

JEREMIAS PINHEIRO de Câmara Filho. CEFET – RJ. Galeria de Fotos: Diretores da Escola em seus diferentes tempos. Disponível em: <http://www.cefet-rj.br/index.php/acervo/galeria-de-fotos>. Acesso em: 12 ago. 2023.

VASCONCELOS, Itamar de Abreu. A Escola e o Tempo. **Top. Edu.** Recife (UFPE), n2 (1 a 3), p.101-114, 1984.

JOÃO JOSÉ PEREIRA PAROBÉ

Olívia Morais de Medeiros Neta e Sandra Assis



12

João José Pereira Parobé nasceu em São José do Norte, em 04 de agosto de 1852. João

¹² **Fonte:** Trilhando a História de Parobé (2023) - A imagem integra o Acervo do SPH/UFRGS e foi extraída do Relatório de 1918 da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi cedida para compor a matéria publicada no site e editada.

Parobé era filho de Henrique José Pereira e de Maria Dorotéia Silva, que se casaram em 22 de junho de 1839. Era o filho mais novo dos quatro filhos do casal. Casou-se em 19 de abril de 1894, com Francisca Villalobos (1853-1927), em sua cidade natal. Da união, nasceram três filhos: Sylvia Pereira Parobé (1885), Valdomiro Pereira Parobé (1886) e Branca Villalobos Parobé (1889). Sua trajetória acadêmica teve início em 1869 quando se matriculou na Escola Central no Rio de Janeiro, ingressando, logo após, na Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul. Já em 1881 serviu como tenente de infantaria, ao mesmo tempo em que se tornou bacharel em ciências físicas e naturais. Durante a sua trajetória acadêmica na Escola Militar, participou do movimento republicano, sendo um dos signatários do Manifesto Republicano de 1870. Este fato indica sua militância positivista ao

longo de sua vida como intelectual, professor, engenheiro e político.

A carreira profissional como professor iniciou-se em 1882, como interino da Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul, onde lecionou até 1886. Em 1887 saiu do exército como capitão reformado e começou a trabalhar como engenheiro da Estrada de Ferro Porto Alegre-Uruguaiana. Em 1888 foi nomeado como engenheiro municipal da Intendência da cidade de Rio Grande e no ano seguinte assumiu a Diretoria de Obras Públicas do Rio Grande do Sul, tornando-se Secretário Estadual de Obras Públicas, cargo que ocupou de 1890 a 1906 e de 1913 a 1915. Além dos cargos públicos citados, Parobé assumiu cargos políticos como deputado estadual constituinte em 1891 e deputado estadual de 1909 a 1912.

Dr. Parobé, como era chamado, foi homem de grande relevância para a educação profissional no estado Rio Grande do Sul. Foi professor e diretor da Escola de Engenharia e nessa condição, em 1898, solicitou ao governo estadual os recursos para construir uma Escola Profissional, o que só foi possível em 1906, quando o então governador Borges de Medeiros viabilizou a fundação e posterior construção do Instituto Técnico Profissional, cabendo ao professor Parobé a liderança de um grupo de professores da Escola de Engenharia de Porto Alegre (EEPA), nesse empreendimento educacional.

O Instituto Técnico Profissional se iniciou com 16 alunos nos cursos noturnos de marcenaria e forja, funcionava como um anexo da EEPA, transformando-se na mais importante escola técnica do Rio Grande do Sul, formando

mestres e contramestres para as áreas da construção mecânica e civil, marcenaria e artes. Destinava-se também à população de baixa renda e o ensino gratuito, era em regime de internato.

O referido Instituto se tornaria nos anos subsequentes uma referência para o ensino técnico profissional no Brasil, tanto que seu gestor João Lüderitz, ex-aluno e discípulo de Parobé, foi nomeado para comandar o Serviço de Remodelação do Ensino Profissional, em 1921, com o objetivo de examinar o funcionamento das Escolas de Aprendizes e Artífices e remodelar o ensino profissional, tornando-o mais eficiente, racional e moderno. De acordo com Fonseca (1961), isso se deu devido ao funcionamento satisfatório do Instituto Parobé, o engenheiro passou a chefiar o

Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico, de 1921, conforme Fonseca (1961).

João José Pereira Parobé faleceu em 09/12/1915, em Porto Alegre, vitimado por uma tuberculose pulmonar. O jornal A Federação, que circulou em Porto Alegre no dia 11 de dezembro de 1915, fez uma longa reportagem em tom de homenagem ao Dr. Parobé, destacando suas virtudes como homem e como figura pública descrevendo-o como “um paradigma da administração pública e um exemplo de indefectível disciplina partidária e lealdade política”.

Recebeu inúmeras homenagens póstumas e uma delas foi a mudança do nome do Instituto Técnico Profissional de Porto Alegre que passou a se chamar Instituto Parobé. Nossa personagem também dá nome a Escola Estadual de Ensino Médio Engenheiro Parobé,

fundada em 1939. Em São José do Norte, sua cidade natal, há uma rua com seu nome. Em Porto Alegre há também o Terminal Pereira Parobé, inicialmente uma praça chamada Pereira Parobé, criada em 1925.

Além disso, há a curiosa história da cidade de Parobé surgida no entorno do trecho da estrada de ferro VFRGS que une Novo Hamburgo à Taquara. Em volta da estação dos trens estruturou-se uma povoação. Supostamente, por falta de uma referência mais expressiva tomou por empréstimo o nome dado à estação, numa homenagem ao Engenheiro João Pereira Parobé, responsável pela obra, que também exercia o cargo de Secretário Estadual de Obras Públicas do Rio Grande do Sul à época.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Biblioteca. Instituto Parobé: Porto Alegre, RS. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=440950>.

Acesso em: jul. 2023.

CTE. Escola Técnica Estadual Parobé. **Parobé: A Trajetória De Uma Escola Centenária.** Disponível em:

https://www.cteparobe.com.br/pagina/78_Historia.html. Acesso em: jul. 2023.

HEINZ, Flávio M. Positivistas e republicanos: os professores da Escola de Engenharia de Porto Alegre entre a atividade política e a administração pública (1896-1930). **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 29, nº 58, p. 263-289 - 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbh/a/qV67pbZS9ZKZqX7XJqK68kQ/#>. Acesso em 18 julho 2023

LEITE, Maicon. João José Pereira Parobé: um homem de seu tempo – parte 1. **Trilhando a História da Parobé.** 2023. Disponível em:

<https://historiadeparobe.com.br/2023/01/23/j>

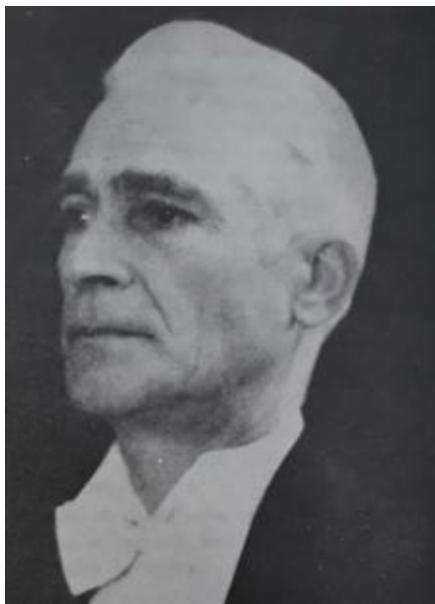
[oao-jose-pereira-parobe-um-homem-de-seu-tempo-part-1/](#). Acesso em: 12 ago. 2023.

MOSMANN, Lígia. **Uma Fazenda, Um Sobrado, A Estação...** - Parobé, uma história a ser contada! Prefeitura Municipal de Parobé/Secretaria Municipal de Educação e Cultura. 100 p. 1999.

TRILHANDO A HISTÓRIA DE PAROBÉ. **João José Pereira Parobé**. Facebook: TrilhandoahistoriadeParobé. 2 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/HistoriadeParobe/posts/1006071953504607/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

JOÃO JOSÉ LÜDERITZ

Carolaine Maria dos Santos e Rafael Duarte Falcão



13

Chamara-se **João José Lüderitz**, conhecido como João Lüderitz. Nascera em 24 de junho de 1883, em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. Falecera em março de 1953 na

¹³ **Fonte:** GHEMAT-SP.

mesma cidade na qual nasceu. Em 1904, graduou-se em Engenharia Civil na Escola de Engenharia de Porto Alegre. Lüderitz, em 1906, passou a compor o corpo docente da mesma Escola na qual se formou. Nesse mesmo ano, assumiu a direção do Instituto Técnico-Profissional da capital gaúcha, subordinado à Escola de Engenharia. Permaneceu cerca de quinze anos no exercício do cargo de diretor do, denominado posteriormente, Instituto Parobé. Aperfeiçoando-o, tornou-se conhecido nacionalmente.

À medida que ocorreu o crescimento industrial, surgiu a necessidade de trabalhadores cada vez mais qualificados, nas áreas técnicas, sendo necessário um maior investimento na formação destes trabalhadores. Os dirigentes da Escola de Engenharia de Porto Alegre enviaram o engenheiro Lüderitz, em 31

de janeiro, com várias cartas de recomendação, aos Estados Unidos (1909) e a países europeus (1912), dentre eles: Alemanha, França, Bélgica, Suíça, Itália e Inglaterra para estudar processos de ensino profissional (Lüderitz, 1909). O objetivo destas viagens foi adaptar os modelos de ensino e de administração escolar no instituto gaúcho.

Durante a viagem à Bélgica, Lüderitz conheceu a Universidade do Trabalho de Charleroi, dirigida por um dos grandes nomes da ciência do trabalho, Omer Buyse. Esta passagem pela Universidade o impressionou por seu sistema de educação cujo objetivo era aproximar o aluno das condições reais do cotidiano de uma indústria, unindo teoria e prática. Lüderitz pôde na sua proposta de ensino profissional, firmado a partir de 1913, adaptar e incorporar os conceitos de economia de energia e mínimo esforço defendidos por Buyse. A partir

dessas experiências, também reconheceu a importância dos trabalhos manuais na aprendizagem.

Nos anos que se seguiram, foi notável a mudança nos níveis de ensino, no aproveitamento dos alunos e na produção das oficinas; buscou promover, no ensino elementar e técnico-profissional, a inserção gratuita, destinada aos jovens de famílias pobres, das classes populares. João Lüderitz também trabalhou contra a evasão escolar para que os alunos conseguissem sua formação completa. Em 1920, foi convocado pelo governo federal, representado pelo engenheiro gaúcho formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Ildefonso Simões Lopes, ministro da agricultura, indústria e comércio, para assumir a direção de uma comissão que pudesse remodelar o ensino ofertado pelas Escolas de Aprendizes Artífices,

diante das dificuldades nas condições de infraestrutura, na administração e no quadro dos docentes.

Ao que tudo indica, foi reconhecida a sua competência e habilidade para gerir e avaliar esse processo reformista. O Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC) institucionalizou tal comissão que contou com profissionais docentes do próprio Instituto Parobé ou Instituto Técnico-Profissional de Porto Alegre. Estes profissionais foram selecionados pela equipe de Lüderitz. Eis aqui os nomes dos membros do corpo técnico mencionados no Relatório do MAIC de 1922: os mestres e contramestres, Lycerio A. Schreiner, Antonio H. T. Alves, Paulino Diamico, Tebyriçá de Oliveira, Ladislau Stowincki, Alcides Raupp, Luiz de O. Santos, Francisco Pandolfo, Othelo Baptista e Cyrillo Fiume.

Em 1928, João Lüderitz solicitou a rescisão do contrato com o Ministério; até a extinção do Serviço de Remodelação, o cargo de diretor foi assumido pelo engenheiro e educador Francisco Montojos (1900-1981). Em agosto de 1942, João Lüderitz, por meio de convite, tornou-se o primeiro Diretor do Departamento Nacional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), permanecendo até o ano de 1948.

A sua formação inicial na Escola de Engenharia de Porto Alegre, o estudo sobre a organização do ensino técnico, profissional e agrícola em diversos países, em conjunto com as viagens pedagógicas pela Europa e Estados Unidos, permitiram a João José Lüderitz ampliar os seus conhecimentos e a sua atuação profissional. Consequentemente, tais influências geraram a defesa da industrialização do ensino,

bem como a reforma do ensino técnico-profissional.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

BARBARESCO, Cleber Shaefer; COSTA, David Antonio da. A expertise de João Lüderitz: A organização do ensino de aritmética nas Escolas de Aprendizes Artífices (1920-1926). **Rematec**, v. 15, n. 34, p. 48, 2020. Disponível em: <http://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/107>. Acesso em: 24 jun. 2023.

BARBARESCO, Cleber Shaefer; COSTA, David Antonio da. João Lüderitz. In: VALENTE, Wagner Rodrigues (Org.) **Dicionário dos Experts**: Matemática para o Ensino e formação de Professores. São Paulo: Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática, 2021. Disponível em: <https://www.ghemat.com.br/itens/jo%C3%A3o-l%C3%BCderitz>. Acesso em: 18 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. **Relatório de gestão do Ministro Geminiano Lyra Castro**. Imprensa Brasileira,

2016. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/182544>. Acesso em: 19 jul. 2023.

LÜDERITZ, João. Passado o presente de nosso ensino industrial. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 4. n. 11, 1945. Disponível em:
<http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1031/770>. Acesso em 19 jul. 2023.

LÜDERITZ, João. **Relatório da viagem na Europa e Estados Unidos pelo Eng. João Lüderitz**. Porto Alegre: Officinas Graphicas da Escola de Engenharia, 1909. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/242428>. Acesso em: 18 jul. 2023.

RELATÓRIO do MAIC 1922 - Ministerial Reports (1821-1960). (p.141-42). Disponível em:
<http://wwwapps.crl.edu/brazil/ministerial>. Acesso em: 24. jul. 2023.

SILVA, Juan Carlo da Cruz. Educar a mão e o olhar para o trabalho: a disciplina Desenho na Escola de Aprendizes Artífices do Rio Grande do Norte (1909 - 1937). 2021. 366f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Centro de

Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

LAURO WILHELM

Ísis de Freitas Campos e Leidiana de Souza



Lauro Wilhelm nasceu em 20 de julho de 1912, em Curitiba/PR. Foi um engenheiro civil que atuou também como educador nos cargos de diretor da Escola de Aprendizes Artífices do Paraná de 1939 a 1965, e de professor de

¹⁴ Fonte: Gursky Júnior (2010, p. 146).

Desenho Técnico na mesma escola em 1932 (Gursky Júnior, 2010). Filho do comerciante Paulo Ernst Wilhelm e de Maria Elisa Kruger Wilhelm, Lauro Wilhelm casou-se em 28 de novembro de 1935 no Cartório do Registro Civil de São Casemiro do Taboão com Laura Xavier Lombardi (Jornal Diário do Paraná, 1946), com quem teve uma filha chamada Marlene, nascida em 1936 (Jornal O Estado (PR), 1936); outra de nome Liana Wilhelm, em 1940 (Jornal O Dia (PR), 1935; 1940), que veio a falecer em 1942 (Jornal Diário da Tarde, 1942); e uma filha chamada Carmelita, em 1943 (Jornal O Dia (PR), 1950).

Estudou no Grupo Escolar Tiradentes e no Ginásio Paranaense, até 1930. Pela Universidade Federal do Paraná formou-se em Engenharia Civil e, em 1932, quando ainda cursava engenharia, atuou como professor e diretor na Escola de Aprendizes Artífices do Paraná.

Durante a sua gestão na Escola de Aprendizes Artífices, o engenheiro educador contribuiu na ampliação das instalações do espaço escolar, a saber: construção do ginásio de esportes e piscina térmica; construção de dez oficinas; construção de um refeitório; e a construção de um auditório utilizado como teatro, conforme Gursky Júnior (2010).

Recém-formado, foi convidado a trabalhar na estrada de ferro de Guarapuava como Engenheiro Residente, onde ficou até 1939, quando recebeu o convite para assumir a direção do Liceu Industrial do Paraná (Gursky Júnior, 2010).

Lauro Wilhelm ocupou o cargo de diretor do Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores (CPTP), órgão da Comissão Brasileiro-Americanana de Educação Industrial - CBAI, localizado na Escola Técnica Federal do

Paraná. Durante todo o período de vigência da Comissão, o engenheiro assumiu a direção brasileira, e do lado norte-americano, compartilhou a direção com os norte-americanos: “[...] Robert S. Hoole (1959/59); L. John Lipney (1959/60) e Alton D. Hill (1960/61)” (Cunha; Falcão, 2009, p. 161).

O educador e engenheiro Lauro, no auge dos seus 16 anos, participou das festividades do Dia da Caridade. O evento era realizado na cidade de Curitiba pela Instituição Humanitária destinada ao amparo social de todo o Estado do Paraná (Hemeroteca Digital, 1923). Na ocasião, dia 11 de outubro de 1928, várias festividades ocorreram entre os dias 11 e 12, dentre elas, Lauro participou do Torneio de Ping-pong, o qual teve a sua participação registrada no Jornal “O Dia (PR)” (Jornal O Dia, PR, 1928).

Além das várias visitas técnicas que o engenheiro educador fizera às escolas técnicas da rede de ensino industrial, das participações em eventos da Escola Técnica de Curitiba; os cursos realizados por Lauro também eram notas de registro no Boletim da CBAI. Dentre alguns cursos de formação, o diretor residiu seis meses nos EUA para fins acadêmicos em um curso de formação. O Boletim registrou o momento caloroso da chegada do engenheiro no Brasil com a sua esposa.

Dentre as premiações, fotografias e registros de atuações do engenheiro, encontrou-se nos documentos da época um destaque sobre um processo administrativo referente à atuação na direção da Escola de Aprendizes Artífices no Estado do Paraná em Curitiba. O processo resultou, no caso do diretor, em pena de repreensão por "tolerar faltas

cometidas pelos funcionários seus subordinados" (Jornal O Dia, PR, 1941).

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

BURSKY JÚNIOR, Lauro. Escola de Aprendizes Artífices do Paraná (1935 a 1945). **Tecnol. & Humn.**, 24, n. 39, jul-dez. 2010. p. 114-169. Disponível em:
<https://revistas.utfpr.edu.br/rth/article/viewFile/6258/3909> Acesso em: 03 de julho de 2023.

BOLETIM DA CBAI. **Regressa ao Brasil o Diretor da Escola Técnica de Curitiba**. Boletim nº 4 de março de 1961. Curitiba: 1961.

JORNAL "DIÁRIO DO PARANÁ". **Edição 00262 de 1º de setembro de 1946**. 1946. Disponível para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira:
<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=171433&pesq=%22Lauro%20Wilhelm%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=2103> Acesso em: 17 de julho de 2023.

JORNAL "DIÁRIO DA TARDE". **Edição 14118.**

1942. Disponível para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&pesq=%22Lauro%20Wilhelm%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=61806> Acesso em 02 de julho de 2023.

JORNAL "O DIA (PR)". HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **O Dia (PR) 1923 a 1961.** 1928.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=092932&pesq=%22Dia%20da%20Caridade%22&pagfis=261> Acesso em: 17 de julho de 2023.

JORNAL "O DIA (PR)". **Edição 05145.** 1940.

Disponível para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=092932&Pesq=%22lauro%20wilhelm%22&pagfis=40672> Acesso em: 02 de julho de 2023.

JORNAL "O DIA (PR)". **Edição 03443.** 1935.

Disponível para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=092932&Pesq=%22lauro%20wilhelm%22&pagfis=40672>

2&pagfis=30390 Acesso em: 02 de julho de 2023.

JORNAL "O DIA (PR)". Edição 08342 de 24 de fevereiro de 1950. 1950. Disponível para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=092932&pesq=%22Lauro%20Wilhelm%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=68407> Acesso em: 17 de julho de 2023.

JORNAL "O DIA (PR)". Edição 05433 de 7 de junho de 1941. 1941. Disponível para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=092932&pesq=%22lauro%20wilhelm%22&pagfis=43879> Acesso em: 17 de julho de 2023.

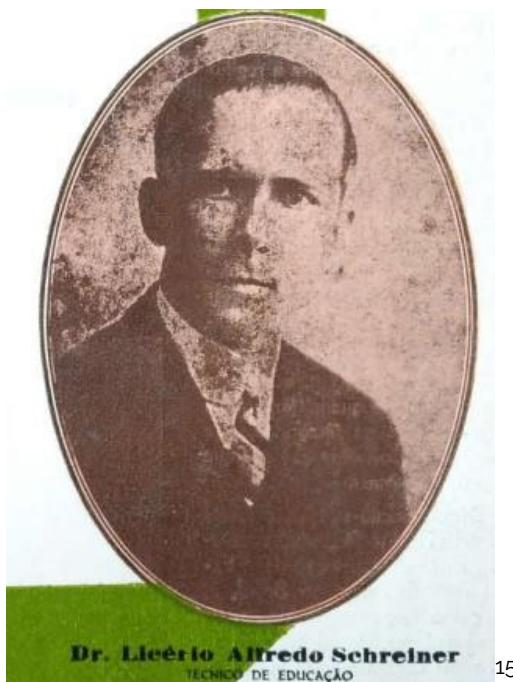
JORNAL "O ESTADO (PR)". Edição 00029 de 4 de novembro de 1946. 1946. Disponível para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830275&pesq=%22Lauro%20Wilhelm%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=349> Acesso em: 17 de julho de 2023.

FALCÃO, Luciane Quintanilha; CUNHA, Luiz Antônio. Ideologia, política e educação: a CBAI (1946/1962). **Revista Contemporânea de Educação**, v. 4, n. 7, p. 149-176, 2009.

LYCERIO ALFREDO SCHEREINER

Laís Paula de Medeiros Campos Azevedo e Nara
Lidiana Silva Dias Carlos



Filho de Emilia Luiza Schreiner e Jorge Henrique Arthur Schreiner, **Lycerio Alfredo Schreiner** nasceu no dia 02 de junho de 1896 em

¹⁵ Fonte: Revista Sergipe Artífices (1944, p. 03).

São Francisco dos Casais, Rio Grande do Sul. Ele cursou o ensino secundário no Ginásio Anchieta em Porto Alegre.

Lycerio Schreiner integrou uma geração de engenheiros formados pela Escola de Engenharia de Porto Alegre (EEPA). No ano de 1921, Lycerio concluiu o curso de Engenharia Civil na mesma instituição em que se formaram Rodolfo Fuchs, João Luderitz e Francisco Montojos. De acordo com o jornal A Federação (RS) de 30 de junho de 1921, o trabalho final apresentado por Lycerio foi "Projeto de um Teatro para a cidade de Santa Maria".

No ano de 1920, foi criado o Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico sob a coordenação do Engenheiro João Luderitz, que dirigia, no período, o Instituto Técnico Profissional da EEPA.

Em novembro de 1921, encontramos menções na imprensa brasileira sobre a contratação de Lycerio pelo Ministério da Agricultura para participar da Comissão chefiada por Luderitz como auxiliar de inspeção. Ainda em outubro deste mesmo ano, o engenheiro foi designado para dirigir, de forma interina, a Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe. Assumir essas atribuições relevantes para o campo da educação profissional, logo após a conclusão do curso de Engenharia, indiciam a inserção do intelectual e apontam para a construção de redes com outros nomes de destaque nacional.

De acordo com Silva (2021), no ano de 1922, Lycerio Schreiner assume como diretor da Escola de Aprendizes Artífices do Rio Grande do Norte, permanecendo no cargo durante sete meses, até o ano de 1923. Na sua administração,

teve início a construção do prédio localizado na Avenida Rio Branco, uma obra que só foi concluída anos depois. Destacamos que o engenheiro realizou viagens enquanto inspetor, substituindo João Luderitz, durante viagens de inspeção do Serviço de Remodelação. Em 1924, seu nome aparece como responsável pela administração das obras do novo edifício da EAA da Paraíba.

Seguindo a trajetória de Lycerio Schreiner junto às Escolas de Aprendizes Artífices como integrante da comissão de remodelação, identificamos que, no ano de 1925, o engenheiro assume interinamente a direção da EAA da Bahia. Ele permanece no cargo até o ano de 1934 e, sob a sua gestão, a Escola é transferida para um novo prédio. No ano de 1927, casou-se com Alice Sperb Schreiner, com quem teria tido três filhos.

Em 1934, ele é nomeado como auxiliar técnico na Superintendência do Ensino Industrial do Ministério da Educação e Saúde. Seu nome passa a ser associado, principalmente, ao de Francisco Montojos, de quem era substituto eventual no cargo que este ocupava como Diretor da Divisão de Ensino Industrial. Montojos o indicou para participar do V Congresso Internacional de Ensino Técnico, em Berlim, de 25 a 29 de julho de 1935. No entanto, quem realiza a viagem é Rodolfo Fuchs (Medeiros Neta; Assis; Campos, 2021).

Destacamos que o engenheiro participou ativamente do processo de constituição do novo ensino industrial brasileiro. No ano de 1939, Lycerio Schreiner, enquanto técnico de Educação ligado ao Ministério da Educação e Saúde, integrou uma comissão interministerial com o Ministério do Trabalho, Indústria e

Comércio, instituída em 17 de maio de 1939, que tinha como objetivo regulamentar o funcionamento de cursos de aperfeiçoamento profissional para trabalhadores da indústria. Dessa comissão, também fizeram parte, Rodolpho Fuchs, Joaquim Faria Góes Filho, Saul de Gusmão, Gilberto Chrockatt de Sá, e Edson Pitombo Cavalcanti. O trabalho da Comissão Interministerial resultou no Decreto nº 6.029, de 26 de julho de 1940.

Em 1942, Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde, designou Lycerio Schreiner para participar de outra comissão, desta vez, como secretário da Comissão Nacional do Ensino Industrial de Emergência criada pelo Decreto Lei nº 4.983 de 21 de novembro do mesmo ano. Participavam desta comissão Francisco Montojos, enquanto Diretor da Divisão de Ensino Industrial; João Luderitz, Diretor do

Departamento Nacional do Serviço de Aprendizagem Industrial; Djalma Cavalcanti, diretor do Departamento de Educação Técnico Profissional da Secretaria Geral de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal; Joaquim de Faria Góes Filho, diretor do Departamento Regional do Serviço Nacional de Aprendizagem do Distrito Federal; e Fernando Nereu Sampaio, diretor da Escola Técnica Nacional.

A partir de 1945 e ao longo da década de 1950 e início da década de 1960, Lycerio Schreiner constrói sua trajetória profissional associada ao SENAI, inicialmente, como assistente técnico no Conselho Nacional do SENAI e depois assumindo a diretoria do Departamento Regional do Distrito Federal. O engenheiro faleceu em 01 de novembro de 1966, aos 70 anos.

Suas contribuições para a História da Educação Profissional correspondem, principalmente, à sua atuação assumindo funções técnicas e administrativas, pensando a reformulação do Ensino técnico, profissional e industrial, participando da elaboração de legislações e atuando efetivamente para colocar tais reformas em prática.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Relatório apresentado ao presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo ministro Miguel Calmon Du Pin e Almeida, no ano de 1923. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1925. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182546>. Acesso em 27 jun. 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. **A aprendizagem nos estabelecimentos**

industriais. Comissão interministerial nomeada para regulamentar o funcionamento de cursos de aperfeiçoamento profissional para trabalhadores da indústria. 1939. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=arg_gc_g&pagfis=54138. Acesso em 27 jun. 2023.

GURGEL, Rita Diana de Freitas. **A Trajetória da Escola de Aprendizes Artífices de Natal:** República, Trabalho e Educação (1909–1942). Tese. 232f. (Doutorado em Educação – UFRN). Natal, 2007.

LYCERIO ALFREDO SCHREINER. Family Search. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:79M5-1VW2>. Acesso em: 20 jun. 2023.

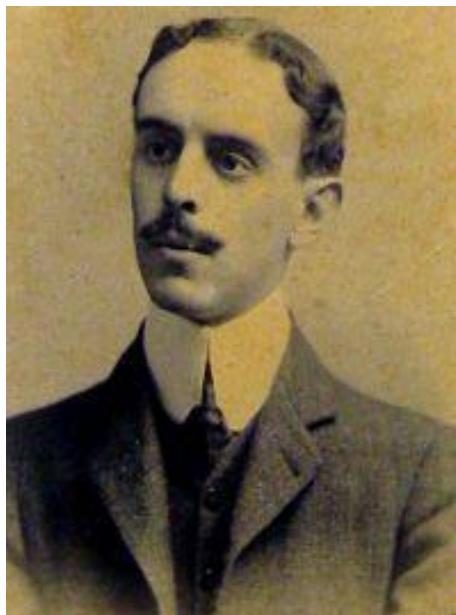
MEDEIROS NETA, Olívia Morais; ASSIS, Sandra Maria de; CAMPOS, Isis de Freitas. Viagens pedagógicas e o ensino técnico brasileiro (1909-1946). **Temps d'Educació**, 61, Universitat de Barcelona. 2021, p. 69 -84. Disponível em: <http://www.publicacions.ub.edu/revistes/tempsDEducacio61/documentos/1768.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SERGIPE ARTÍFICES. Orgão Oficial da Escola Industrial de Aracaju. Ano XI, n.13, Sergipe, jul. 1944, Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/195578>. Acesso em 27 jun. 2023.

SILVA, Juan Carlo da Cruz. **Educar a mão e o olhar para o trabalho: a disciplina Desenho na Escola de Aprendizes Artífices do Rio Grande do Norte (1909 - 1937)**. 2021. 366f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

MANOEL AMOROSO COSTA

Laís Paula de Medeiros Campos Azevedo e Rafaela
Camila Gomes da Silva



Manoel Amoroso Costa, filho de Cypriano de Oliveira Costa e Francisca Julieta Amoroso de Oliveira Costa, nasceu no dia 13 de janeiro de

¹⁶ Fonte: Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST – RJ).

1885, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Foi um engenheiro civil, matemático e professor universitário brasileiro, com contribuições significativas à ciência e à educação brasileira.

Nascido em uma família de destaque no comércio da capital federal, iniciou sua formação no Instituto Henrique Kopke, onde concluiu o curso de Humanidades, e ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1900. Em 1905, formou-se em Engenharia Civil e, no ano seguinte, concluiu o bacharelado em Ciências Físicas e Matemática. Durante a sua graduação, recebeu a medalha *Morsing*, uma honraria concedida ao segundo melhor aluno da instituição. Em agosto de 1908, casou-se com sua prima Zaira Amoroso Lima, irmã do escritor Alceu Amoroso Lima.

Sua trajetória no campo educacional brasileiro foi intensa e em um momento de

efervescência cultural e científica no país. Conforme aponta Massarani (1998, p. 52) "sem dúvida, a década de 20 foi um dos períodos mais férteis do ponto de vista da divulgação científica no Brasil". Ressaltamos que Amoroso Costa participou ativamente desse movimento enquanto engenheiro-educador e cientista. Após sua formatura, exerceu diversas atividades como engenheiro, participando da construção de pontes e na Inspetoria das Estradas de Ferro.

Em 1913, foi nomeado como professor extraordinário efetivo dos cursos de engenharia da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Dez anos mais tarde, em 1924, tornou-se catedrático em Trigonometria Esférica, Astronomia Teórica e Prática de Geodésia.

Atuou como professor de matemática na Faculdade de Filosofia e Letras, criada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no ano

de 1915, com as disciplinas de Matemática Elementar e História e Filosofia da Matemática. Com a criação da Sociedade Brasileira de Ciências (SBC) no ano de 1916, ligada à Escola Politécnica, Amoroso Costa passou a ocupar a função de secretário da Seção de Ciências Matemáticas que era presidida por Licínio Cardoso. Em 1922, a SBC tornou-se a Academia Brasileira de Ciências (ABC). Nessa instituição, Amoroso Costa foi diretor nos anos de 1917-1920 e 1920-1923, atuou no cargo de segundo secretário.

Engajado no cenário científico e educacional do período, o intelectual também participou da Associação Brasileira de Educação (ABE) desde a sua fundação em 1924. Amoroso Costa presidiu a Seção de Ensino Técnico e Superior da ABE. Essa Seção foi a responsável pela promoção, entre os anos de 1926 e 1928, de

uma série de cursos e conferências tinham como objetivo a divulgação científica.

Em outubro de 1927, ele assume a diretoria da Associação ao lado de Alice Carvalho de Mendonça, Ferdinando Labouriau e Mário Brito, permanecendo na função até o seu falecimento em 1928 (Carvalho, 1998). Amoroso Costa, Ferdinando Labouriau, Tobias Moscoso, Vicente Licínio Cardoso e outros intelectuais da ABE e da ABC, promoveram campanhas pela reforma do ensino e pela instituição de um ensino superior pautado no modelo universitário e direcionado às pesquisas. O intelectual também compôs o Conselho Universitário da Universidade do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, Carvalho (1998, p. 264) explicita que o intelectual “foi o principal defensor da pesquisa científica. Ele apresentou à Primeira Conferência Nacional de Educação

tese intitulada 'As Universidades e a Pesquisa Científica". Nessa tese, o engenheiro-educador defende como papel da Universidade a formação de pesquisadores em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

Amoroso Costa destacou-se no cenário científico a partir do seu posicionamento contra a influência positivista e enquanto um divulgador e defensor da Teoria da Relatividade de Albert Einstein. De acordo com Paim (1985), o intelectual possuía interesse especial pela filosofia da ciência e viajou para estudar em Paris, França, no início da década de 1920, tendo se especializado em uma disciplina que ajudou a formalizar, as geometrias não-arquimedianas. Segundo este autor, o intelectual Amoroso Costa foi convidado para ministrar essa disciplina na Universidade de Paris em 1928.

De acordo com o inventário produzido sobre o engenheiro-educador pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (1995), Amoroso Costa viajou para a França a convite do Instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura para ministrar o referido curso na Universidade de Paris. Nessa mesma viagem, o intelectual também proferiu uma comunicação intitulada *L'univers infini – Quelques aspects du probléme cosmologique* no Collége de France.

Ainda de acordo com o exposto por Paim (1985), as ideias de Amoroso Costa e de seus colegas da ABE influenciaram o modelo universitário e a organização do ensino superior tanto da Universidade de São Paulo (1934) quanto da Universidade do Distrito Federal (1935). Seu envolvimento na divulgação da ciência também o inseriu na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Quanto a sua produção intelectual, Amoroso Costa produziu textos publicados em jornais e revistas, como a Revista Didática da Escola Politécnica e a Revista Brasileira de Ciências da SBC (Massarani, 1998). Seu livro "As ideias fundamentais da matemática" foi publicado postumamente e reunia as conferências realizadas no ano de 1926.

O dia 3 de dezembro de 1928, Amoroso Costa faleceu de forma prematura em um trágico acidente causado pela queda do avião que deveria recepcionar Santos Dumont em seu retorno ao Brasil. Junto com o engenheiro, faleceram também outros intelectuais de destaque no cenário acadêmico e científico, como Ferdinando Labouriau e Tobias Moscoso.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

A CONSTITUIÇÃO da Sociedade Brasileira de Ciências. Jornal do Commercio (RJ). Ed. 229. 17 de agosto de 1916, p. 03. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22manoel%20amoroso%20costa%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=40316. Acesso em: julho. 2024.

AMOROSO COSTA e a ideia da Universidade. Antônio Paim. Suplemento Literário (SP). Ed. 242.2. 1985, p. 11-12. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&pesq=%22amoroso%20costa%22&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=11968>. Acesso em: julho. 2024.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e forma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

EM HOLOCAUSTO à Glória. Revista O Cruzeiro (RJ), 08 de dezembro de 1928, p. 08.

Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&Pesq=%22manoel%20amoros%20costa%22&pagfis=279>. Acesso em: 07 jul. 2023.

MASSARANI, Luísa. **A divulgação científica no Rio de Janeiro**: algumas reflexões sobre a década de 20. Dissertação. Mestrado em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em C&T (IBICT) e Escola de Comunicação/UFRJ. 127 f. Rio de Janeiro, 1988.

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. Arquivo Amoroso Costa: inventário sumário. Rio de Janeiro, RJ: MAST, 1995. Disponível em: https://www.gov.br/mast/pt-br/imagens/publicacoes/1995/inventarios_amoroso_costa.pdf. Acesso em: julho. 2024.

MARIO PAULO DE BRITO

Eliane Guardião de Souza Martins e Heverton Reis



Nascido em 14 de janeiro de 1884, no Rio de Janeiro (RJ), **Mário Paulo de Brito**, formou-se no Colégio Pedro II (1903-1908). Engenheiro civil,

¹⁷ Fonte:

<https://www.facebook.com/escolamariopaulodebrito>.

pela Politécnica do Rio de Janeiro (1914) e doutor em Ciências (1918). Ao longo de sua trajetória, foi professor e ocupou cargos de confiança no cenário político-administrativo brasileiro. Filho de Bernardino Xavier Pereira de Brito (nascido em 1853, data da morte desconhecida) e Alexandrina Eulalia Pereira de Brito (nascida em 1853 e falecida em 1941), e irmão de Eulalia, Adilis, Maria e Helena de Brito. Casou-se com Arethuza Lopes de Brito (nascida em 1896 e falecida em 1993). Mário nos deixou em vida aos 80 anos, em 1974.

Na educação, Mário de Brito, atuou como substituto na Escola Politécnica do Rio de Janeiro (1917-1937), onde em 1925 tornou-se titular, além de ser aprovado em concurso na área de geometria da Escola Normal do Instituto de Educação. Em cargos em instituição de

ensino, esteve na diretoria da Escola Secundária do Instituto de Educação (1932-1935).

Mário de Brito foi, ainda, membro do Conselho de Educação nos anos de 1930 e fez parte da Divisão de Aperfeiçoamento do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), tendo ido aos Estados Unidos para pesquisar sobre processo seletivo de pessoa por parte do funcionalismo público nos anos de 1938. Ao retornar para o Brasil, nos anos de 1940, passa a ministrar conferências sobre a seleção/capacitação de servidores públicos e torna-se membro da Academia Brasileira de Ciências.

Na trajetória do engenheiro-educador, destacamos, também, sua atuação como Secretário Geral de Educação e Cultura (de 1951 a 1952 e de 1955 a 1956); no ano de 1956, Mário de Brito foi também um dos signatários do

Manifesto dos Educadores Mais Uma Vez Convocados. Membro do Conselho Diretor da Casa do Professor e presidente do Instituto Brasil-Estados Unidos e presidência no Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação em 1965.

Como membro, esteve ligado aos grupos de Engenharia, da Associação Brasileira de Educação, do clube Casa do Estudante do Brasil, bem como, *Brazil-United States Cultural Institute*, a Society Brasileira de Química, a Academy Brasileira de Ciências. E mais, da Associação Brasileira de Imprensa, da Associação Brasileira dos Municípios, Touring Club do Brasil, Rotary, do Clube Municipal, e da Associação de Professores de Inglês.

Pode-se imaginar que a atuação pública de Mário teria sido ainda mais benéfica caso tivesse sido eleito quando se candidatou ao cargo de

deputado federal pelo Partido Democrático do Distrito Federal (PD), ainda assim, sua atuação marca o século XX como expoente de dedicação em prol da educação e ações públicas.

Mário Paulo de Brito foi atuante e defensor da valorização do funcionalismo público. Seu legado pode ser revivido pela homenagem recebida com seu nome na escola Municipal, no Rio de Janeiro, pois, não há espaço melhor para salvaguardar a memória de um educador.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

ARAUJO, Rafael Martins de. Verbete: BRITO, Mário Paulo de. Secretário Geral de Educação e Cultura. Disponível em:<<http://expaqcrj.rio.rj.gov.br/brito-mario-paulo-de/>>. Acesso em: 07 de jul. 2023.

AZEVEDO, Fernando de. **Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos**

educadores 1959. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 122 p. – (Coleção Educadores). Disponível em:<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3277739/mod_resource/content/3/Manifesto%20pioneiros.pdf>. Acesso em: 06 de ago. de 2023.

"Brasil Batismos, 1688-1935", data base, FamilySearch (<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:XVST-DDW> : 31 January 2020), Maria Brito, 1881.

BRITO, Mário Paulo de. **Acervo digital Casa de Oswaldo Cruz.** Disponível em: <https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/mario-de-brito>. Acesso em: 04 de jul. 2023.

BRITO, Mário Paulo de. **Fotografia.** De Escola Municipal Mário Paulo de Brito. Disponível em <https://www.facebook.com/escolamariopaulodebrito>. Acesso em: 05 de jul. 2023.

BRITO, Mário Paulo de. **Prabook.** Disponível em: https://prabook.com/web/mario_paulo.brito/118558. Acesso em: 06 de jul. 2023.

MARIO PAULO de Brito. Familysearch. Disponível em:

<https://www.familysearch.org/search/tree/results?q.givenName=MARIO%20PAULO%20DE%20&q.surname=brito>. Acesso em: 04 de jul. 2023.

ROBERTO COCHRANE SIMONSEN

Sandra Assis



18

Roberto Cochrane Simonsen foi um engenheiro, intelectual orgânico, industrial, administrador, empresário, escritor e político

¹⁸ Fonte: <https://pioneiros.fea.usp.br/roberto-simonsen/>.

brasileiro. Nasceu na cidade de Santos/São Paulo, no dia 18 de fevereiro de 1889. Era filho do Dr. Sidney Martin Simonsen (inglês) e de D. Robertina Cochrane Simonsen. Iniciou seus estudos em Santos, transferindo-se, mais tarde, para o Colégio Anglo-Brasileiro de São Paulo onde formou-se em Engenharia Civil pela Escola Politécnica de São Paulo. Após sua formatura, dedicou-se a intensa atividade industrial e comercial.

Começou a trabalhar como engenheiro na Companhia Southern Brazil Railway. Em seguida, assumiu a Diretoria Geral de Obras da prefeitura de Santos, tornando-se engenheiro-chefe da Comissão de Melhoramentos do Município. Foi um homem de múltiplas facetas, tendo atuado em muitos segmentos: empresário, educador, político, escritor, funcionário público.

Como empresário, liderou um grupo de investidores da Companhia Construtora de Santos, assinando contratos com o governo para a construção de quartéis; comprou a Cerâmica São Caetano transformando-a na maior e mais respeitada, desse segmento, na sua época; construiu obras importantes em Santos, adquiriu jazidas de argila e construiu habitações populares.

Como político, ocupou cargos públicos no município de Santos, foi deputado classista, atuando como deputado constituinte entre 1933 e 1937, participando ativamente na elaboração da Constituição brasileira de 1937, integrando várias comissões no Legislativo. Antes disso, fora diplomata no governo de Epitácio Pessoa (1919-1922) e, no início dos anos 1930, fez parte do Movimento Constitucionalista que resistiu ao golpe de Estado protagonizado por Getúlio

Vargas. Eleger-se senador, por São Paulo, em 1947.

Entre as suas ações relacionadas à educação e trabalho, consta que foi professor da Politécnica de São Paulo; Fundou em São Paulo, junto com Assis Chateaubriand, a Escola Livre de Sociologia e Política com o propósito de favorecer os estudos sobre o Brasil; presidiu uma comissão de estudos sobre educação técnico-profissional, formada por diretores do CIESP – Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (1936); integrou o Conselho de Expansão Econômica do Estado de São Paulo (1938-1941); Integrou a Comissão de Imposto Sindical, vinculada ao Ministério do Trabalho, abrindo um diálogo entre os sindicatos e as indústrias e participou do I Congresso Brasileiro de Economia, realizado no Rio de Janeiro (1943); presidiu a FIESP (Federação das

Indústrias de São Paulo) e foi um dos fundadores do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial); escreveu e publicou 29 livros, entre eles *O trabalho moderno* (1919), *História Econômica do Brasil: 1500-1820* (1937) e *Ensaio social, políticos e econômicos* (1943).

Participou como membro atuante de várias Instituições. No Brasil, foi fundador e primeiro vice-presidente do Centro das Indústrias de São Paulo (CIESP) em 1928; foi fundador da CNI e FIESP e IDORT; foi membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Letras (1946); sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1939); sócio do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, Instituto de Engenharia de São Paulo. No exterior, participou da *National Geographic Society*, dos Estados Unidos, da *Royal Geographic Society* da Inglaterra e da Academia Portuguesa de História.

Seu pensamento econômico baseava-se na defesa do protecionismo para o desenvolvimento industrial do Brasil, para tanto sendo necessário que o setor público planejasse e incentivasse a industrialização. Participou da burocracia federal do governo Vargas, através do Conselho Federal de Comércio Exterior e do Conselho Nacional de Política Industrial, onde propôs a criação de uma Junta Central de Planificação Econômica. Suas ideias sobre planejamento econômico, embora controversas na época, repercutiram e influenciaram as propostas do Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek e ainda hoje o debate sobre o planejamento econômico do Brasil continua entre os economistas brasileiros.

Pedrosa (2021), o coloca como um intelectual orgânico e agente do ensino

industrial no Brasil. De acordo como o autor, ele faz parte de

um conjunto de engenheiros, engenheiros-educadores e educadores que nos anos 1930 e 1940 exerceram influência sobre o Governo Vargas, principalmente por meio do Ministério da Educação e da Saúde, e participaram da constituição e instituição das redes nacionais de ensino industrial (Pedrosa, 2021, p. 02).

Um teórico, articulador e símbolo do pensamento industrialista brasileiro, além de uma figura importante no processo de reforma do ensino e da preparação dos trabalhadores para o industrialismo urbano e de massas, assim Roberto Simonsen foi definido por Pedrosa (2021). Além disso, o autor apresenta-o como um dos responsáveis pela difusão e circulação da anglo-americanidade e pioneiro em vários aspectos da cultura empresarial brasileira.

Roberto Simonsen faleceu no salão nobre da Academia Brasileira de Letras, em 25 de maio de 1948, quando saudava o Primeiro-ministro belga, Paul van Zeeland, em visita oficial ao Brasil. Tinha 59 anos.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Roberto Simonsen. Disponível em:
<https://www.academia.org.br/academicos/roberto-simonsen>. Acesso em: jul. 23.

CURI, Luis Felipe Bruzzi. **Entre a história e a economia**: o pensamento econômico de Roberto Simonsen. Edição Alameda, São Paulo, 2015. 330 pp. ISBN. 9788579393372

PEDROSA, José. Geraldo. Anglo-americanismo e industrialismo nos primórdios da república brasileira: Roberto Cochrane Simonsen (1889-1948) e o trabalho moderno. **History of Education in Latin America - HistELA**, 4, e26851. 2021. Disponível em:

<https://doi.org/10.21680/2596-0113.2021v4nolD26851> . Acesso em: 15 jul. 2023.

ROBERTO SIMONSEN. Pioneiros & Empreendedores. Disponível em:
<https://pioneiros.fea.usp.br/roberto-simonsen/>. Acesso em 15 ago. 2023

ROBERTO AUGUSTE EDMOND MANGE

Lidemberg Régis Santos Dantas



19

Roberto Mange foi um engenheiro educador, intelectual, consultor técnico, professor e gestor de grande importância para a

¹⁹ **Fonte:**

<https://suicosdobrasil.org.br/personalidades/roberto-auguste-edmond-mange/>.

construção do ensino profissional no Brasil. Seu nome de origem é Robert Auguste Edmond Mange, conhecido por Roberto Mange pela sua naturalização como brasileiro em 1939, nasceu em 31 de dezembro de 1885 na cidade de *La Tour de Peilz*, localizado na Suíça. Aprendeu Língua Portuguesa em Lisboa e completou seus estudos na Escola primária. Deu seguimento aos estudos em Minden, cidade da Alemanha, voltou a Suíça para cursar engenharia mecânica em *Eidgenosseche Technische Hochschule*, em Zurique, onde se formou em 1910 (Assis; Costa; Medeiros Neta, 2021).

Mange chegou ao território brasileiro em 1913 mediante o convite de Antônio Francisco de Paula Souza para ser professor de Engenharia Mecânica Aplicada às Máquinas na Escola Politécnica de São Paulo. Paula Souza foi diretor da escola e incentivou a sua criação, importante

presença na vida pública, sua formação foi em engenharia na Escola Politécnica de Zurique, na Suíça (Pedrosa, 2014).

Em 1914, Mange retornou para a Suíça, onde foi servir a Guarda Municipal Suiça por um ano. Somente em 1915, retornou para o território brasileiro, tendo vivido até 1922 na cidade de Ribeirão Pires. Após isso, fundou o curso de Mecânica Prática em 1923 para a formação de profissionais, mecânicos e ajustadores (Assis; Costa; Medeiros Neta, 2021).

Mange também participou da criação de algumas outras instituições e cursos, das quais se destacam a implantação do Serviço de Seleção e Orientação Profissional no SENAI pela sua relação com a psicologia, instituição do qual foi o primeiro presidente. Outro ponto em sua trajetória é a criação do Instituto de Organização Racional do Trabalho - IDORT no ano de 1931

com outros participantes e o Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional - CFESP, em 1934 (Assis; Costa; Medeiros Neta, 2021).

Nesse constructo, Mange fez parte da constituição do novo ensino industrial brasileiro (1934), ano de criação por Gustavo Capanema da Comissão Organizadora do Plano de Ensino Profissional. Destacou-se também como diretor do Departamento Regional do SENAI em São Paulo no ano de 1942 (Assis; Costa; Medeiros Neta, 2021).

Foi representante em viagens para o exterior pelo governo, especialmente, pelo Ministério da Educação. Em duas viagens realizadas entre 1940 e 1942 com destino a Europa e Estados Unidos, que resultaram em contratações de profissionais para a Escola Técnica Nacional, conhecida anteriormente

como Liceu Industrial (Assis; Costa; Medeiros Neta, 2021).

Diante do seu legado, Roberto Mange recebeu o título de professor emérito pela Escola Politécnica de São Paulo no ano de 1953, após 40 anos de atuação na instituição. Mange morreu em 1955 com 60 anos de idade, tendo exercido o cargo de primeiro diretor regional do SENAI em São Paulo até o último momento da sua vida, porém, recebeu o título de cidadão brasileiro enquanto estava vivo (Dominschek, 2015).

É notável, portanto, a efetiva participação de Roberto Mange como intelectual na trajetória no ensino profissional no Brasil, por meio de sua atuação frente às comissões, às viagens internacionais, além da proposição de instituições e implementação de cursos, o qual buscava difundir os métodos racionais da

técnica de formação nos conceitos da organização científica do trabalho. Por esses motivos, sua presença como intelectual orgânico que atuou em espaços políticos de decisões e pela sua rede de sociabilidade, se constitui um dos principais nomes do ensino profissional no país.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

ASSIS, S. M. de; COSTA, K. L. S. da; MEDEIROS NETA, O. M. de. Roberto Mange, the creation of the Railroad Center for Professional Education and Selection (CFESP) and training for work in the 1930s and 1940s. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 13, p. e249101321383, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i13.21383. Disponível em: <https://rsdjurnal.org/index.php/rsd/article/view/21383>. Acesso em: 16 jul. 2023.

DOMINSCHEK, Desiré Luciane. Roberto Mange: visionário do ensino industrial no Brasil – intelectual, técnico, administrador

e filósofo? In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, VII, 2015, Maringá. **Anais eletrônicos**... Maringá: UEM, 2015.

PEDROSA, J. G. A atuação de Robert Auguste Edmond Mange (1885-1955) na constituição e na instituição do novo ensino industrial brasileiro nos anos 1930 e 1940. **Educação & Tecnologia**, 19(2), 47-58, 2014. Disponível em: <https://periodicos.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/612>. Acesso em: ago. 2023.

RODOLFO FUCHS

Sandra Assis

Rodolfo Fuchs era engenheiro civil formado na Escola de Engenharia de Porto Alegre e compartilhava das mesmas ideias fundadas na tradição positivista. Atuou como inspetor auxiliar no Serviço de Remodelação do Ensino Profissional e Técnico, viajando para Pernambuco entre 1930 e, em 1931, assumiu a direção da Escola de Aprendizes Artífices (Diário da Manhã, PE, 1930). Fuchs atuou como professor de desenho no Ginásio Pernambucano. Foi Inspetor regional do ensino industrial do Ministério da Educação no Nordeste. Conforme Weinstein (2000, p. 17), era muito próximo de Gustavo Capanema, atuando como um “guia intelectual” que iluminava as

discussões sobre formação profissional no governo do Presidente Vargas.

Nesse sentido, a autora afirma que Fuchs, em 1935, escreveu um relatório apontando a necessidade de “treinamento racional e metódico”, observando o exemplo dos operários da Ford, nos EUA. Participou do V Congresso Internacional do Ensino Profissional, em Berlim, juntamente com Lourenço Filho, Leon Renault, Góes Filho, Horácio da Silveira e Francisco Montojos, aproveitando a viagem pela Alemanha e França para visitar escolas técnicas e conhecer mais de perto a organização do ensino profissional dos países mais avançados da Europa.

Sobre a viagem para o Congresso de Berlim, o Jornal do Brasil de 15 de julho de 1938 informava a partida em Recife e, em 07 de agosto do mesmo ano, o Diário de Pernambuco

publicou uma longa matéria escrita pelo próprio Rodolfo Fuchs em que discorreu sobre o congresso. Dois meses depois, o mesmo jornal publicaria outra matéria escrita por Fuchs sobre a organização do ensino profissional da França e da Alemanha. Ao retornar da viagem, Fuchs apresenta, em outubro de 1938, um relatório intitulado "O ensino profissional na Alemanha". Foi produzido pelo engenheiro neste mesmo ano o documento intitulado "Os defeitos do Ensino Profissional Brasileiro" em que Fuchs assinala os problemas do ensino e propõe melhorias, inclusive apresenta uma proposta de Lei.

Em 1939, Fuchs foi nomeado para compor a Comissão Nacional do Livro Didático, sendo indicado por Capanema como especialista em Metodologia das técnicas.

Em 17 de maio de 1939, foi constituída uma comissão interministerial formada por representantes do Ministério da Educação e Saúde e do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Integravam essa comissão, Fuchs, Lycerio Schreiner, Joaquim Faria Góes Filho, Saul de Gusmão, Gilberto Chrockatt de Sá e Edson Pitombo Cavalcanti. O objetivo era regulamentar o funcionamento de cursos de aperfeiçoamento profissional para trabalhadores da indústria. O trabalho da Comissão Interministerial resultou no Decreto nº 6.029, de 26 de julho de 1940.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

A ORGANIZAÇÃO do ensino profissional na Alemanha e na França. **Diário de Pernambuco**. Ed. 0235. 04 de outubro de 1938. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docrea>

[der.aspx?bib=029033_11&pasta=ano%20193&pesq=%22rodolfo%20fuchs%22&pagfis=30658.](#)

Acesso em: 20 ago. 2023.

FUCHS, Rodolpho. Ensino Profissional na Alemanha. **Arquivo Gustavo Capanema**. FGV CPDOC. GC g 1935.12.00. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/arg_gc_g/31779. Acesso em: 29 ago. 2023.

PERDENDO o navio... Jornal do Brasil. Ed. 163. 15 de julho de 1938. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=%22Rodolfo%20Fuchs%22&pasta=ano%20193&pagfis=85765. Acesso em: ago. 2023.

RELATÓRIO APRESENTADO pelo Dr. Rodolpho Fuchs sobre a sua viagem a Garanhuns. **Diário da Manhã**. Pernambuco. Ed. 1207. 07 de dezembro de 1930, p. 06. Hemeroteca Digital Brasileira.

TOBIAS DE LACERDA MARTINS MOSCOSO

Israel Maria dos Santos Segundo



Nascido em Paris, no dia 16 de setembro de 1879, durante uma viagem de seus pais à Europa, **Tobias de Lacerda Martins Moscoso** foi

²⁰ **Fonte:** O Cruzeiro (RJ), 1928, p. 08.

um engenheiro brasileiro dedicado ao estudo da matemática, da estatística e da economia política, havendo integrado a Associação Brasileira de Educação (ABE) e a Academia Brasileira de Ciências.

Filho do destacado engenheiro Tobias Tell Martins Moscoso e de Anna Lacerda, Tobias Moscoso iniciou sua formação escolar no Instituto Henrique Kopke (Petrópolis, Rio de Janeiro), de onde saiu bacharel em humanidades em março de 1896. Ingressou, logo em seguida, no curso de Engenharia Civil da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, concluindo-o em 1899.

Após formado engenheiro, Moscoso tornou-se ajudante do chefe de tráfego da Estrada de Ferro Sorocabana (São Paulo). Em outubro de 1908, já na capital federal (Rio de Janeiro), seria nomeado para o cargo de

secretário do Diretor Geral do Serviço de Propaganda e Expansão Econômica do Brasil no Estrangeiro, função que ocuparia até maio de 1909, momento em que passa a ser engenheiro de terceira classe ligado às obras do Porto do Rio de Janeiro. Em abril de 1910 vem a se tornar engenheiro chefe da primeira divisão da Repartição de Águas, Esgotos e Obras Públicas do Rio de Janeiro, permanecendo nessa função por alguns anos.

Por conseguinte, já em 1916, Tobias Moscoso participaria da fundação da Sociedade Brasileira de Ciências. Dois anos depois, mediante concurso, torna-se professor na mesma Escola Politécnica que lhe rendera o diploma de engenharia, aí ocupando a cadeira de trabalhos gráficos de estatística, orçamento e contabilidade. A partir de 1919 passa a ocupar também a função de consultor técnico do

Ministério da Viação e Obras Públicas, atuando tanto no âmbito desse Ministério quanto na pasta das Relações Exteriores.

Data de 1920, estendendo-se até sua morte, o início de sua colaboração em alguns periódicos cariocas, entre eles "O Jornal", para o qual escrevia com habitualidade. No plano da docência, Moscoso veria a cadeira que ministrava na Escola Politécnica ser extinta em 1921, ficando o engenheiro a ocupar o cargo de professor substituto da 10^a seção, na qual estavam reunidas as disciplinas das áreas de economia política, estatística e direito administrativo. Em março desse mesmo ano inicia sua contribuição na Revista Brasileira de Engenharia, atuação que se verificará até janeiro de 1926.

Em setembro de 1922, por ocasião de sua participação no Congresso Internacional de

Engenharia realizado no Rio de Janeiro, Moscoso se notabilizou ao defender tese sobre a uniformização dos métodos estatísticos nos portos e nas estradas de ferro. Dessa mesma época datam as consolidações de seus escritos no mundo literário, havendo publicado a coletânea de artigos "Escritos Tais e Quais" (1921) e "Esquecer..." (1922), comédia em três atos escrita em conjunto com Luiz Peixoto e Herbert de Mendonça.

Sob a presidência do Ministro Afrânio de Mello Franco, titular da pasta da Viação, Moscoso integrou a delegação brasileira presente na 5º Conferência Pan-americana, realizada em 1923 na cidade de Santiago, no Chile, oportunidade na qual mostrou sua competência profissional ao tratar da questão da estrada de ferro continental.

Em 1925, por convite, Moscoso lecionaria – durante dois meses – um curso de estatística na Universidade do Chile, em razão do qual seria eleito membro honorário dessa congregação e agraciado com a Comenda de Ordem ao Mérito do governo chileno. Nesse mesmo ano, retornando à Escola Politécnica, passaria a ocupar a celebrada cadeira de Economia Política, assumindo as funções de diretor da instituição no período de 1925-1926.

Como diretor da Escola Politécnica, em 1926 Moscoso deu início a uma série de conferências públicas, ministradas por intelectuais de diferentes áreas e profissões, na qual cada um deles teve a oportunidade de discorrer sobre um problema de abrangência nacional, sempre focalizando os aspectos em que essas questões dependiam de soluções da engenharia.

Em 1928, a convite do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, esteve em Paris realizando algumas conferências na Universidade de Sorbonne. Além disso, foi um destacado participante na II Conferência Nacional de Educação organizada pela ABE, ocorrida em Belo Horizonte entre 04 e 11 de novembro desse ano, sendo um dos vice-presidentes do encontro. Durante o evento, Moscoso defendeu tese focando a importância da educação política, por meio da qual, entre outros pontos, argumentou que o processo educativo deveria estar voltado para valorizar a tolerância e a liberdade de pensar, desacreditando assim, por via reversa, a violência e a guerra.

No mês seguinte, aos 03 de dezembro de 1928, a fim de prestar homenagens a Santos Dumont, que regressava ao Brasil após uma

temporada de 6 anos na França, Moscoso e outros intelectuais embarcaram no hidroavião "Dornier Do J Wal 'Santos Dumont'", de onde seriam lançadas flores e cartas de boas-vindas ao pai da aviação. Após uma manobra brusca, o avião perdeu o controle e se despedaçou no mar da Baía de Guanabara, mantando todos os seus integrantes.

Em sua atuação enquanto educador, Tobias Moscoso foi um precursor, em terras brasileiras, do ensino da estatística matemática aplicada à economia, sendo também celebrado por ter sido pioneiro em desenvolver e professar cursos relativos às teorias da probabilidade.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

AS VICTIMAS do tristíssimo desastre: a elite intelectual do Brasil desfalcada de notáveis valores. In: **DIARIO NACIONAL**, São Paulo, ano II,

n. 436, 04 de dezembro de 1928, p. 03.

Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

EM HOLOCAUSTO à Glória. **Revista O Cruzeiro (RJ)**, 08 de dezembro de 1928, p. 08.

Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&Pesq=%22manoel%20amoros%20costa%22&pagfis=279>. Acesso em: 07 jul. 2023.

O MAIOR desastre de aviação ocorrido na America. In: **O JORNAL**, Rio de Janeiro, ano X, n. 3.075, 04 de dezembro de 1928, p. 1. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SILVA, Jorge Tadeu da. O primeiro grande acidente da aviação brasileira. Desastres aéreos: o maior banco de dados de acidentes e incidentes aeronáuticos do Brasil. Disponível em:

https://www.desastresaereos.net/historia_07_Condor_Dornier_P-BACA.htm. Acesso em: 25 jul. 2023.

SILVA, Victor Cruz e. A trajetória de Tobias de Lacerda Martins Moscoso entre a Escola Politécnica e a Econometric Society: uma história inacabada. **Estudos Econômicos**, São Paulo, vol.51, n.1, p.143-168, jan.-mar. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-41615115vcs>. Acesso em: 13 jul. 2023.

UM TRAGICO accidente de aviação enlucta a sociedade brasileira. In: **O PAIZ**, Rio de Janeiro, ano XLV, n. 16.115 e 16.116, 03 e 04 de dezembro de 1928, p. 1-2. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 jul. 2023.



A detailed pencil sketch of a classical building facade. The sketch shows a series of columns supporting an entablature and a balcony. The building is rendered with fine lines and shading, giving it a three-dimensional appearance. The foreground is a paved area with some steps.

PARTE II - ESPAÇOS DE FORMAÇÃO

ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE

Karla Vitória da Cruz Alves



21

O advento da República provocou diversas transformações no Brasil e, em Porto Alegre, não foi exceção. Nesse novo contexto, o cenário político, econômico e educacional passou por

²¹ **Fonte:** Lume Repositório Digital

mudanças significativas. A filosofia positivista era predominante no cenário político, na qual “a nova Constituição garantira as condições jurídicas e institucionais para a assunção da nova elite do poder, e a vitória armada sobre os opositores assinalava o início da hegemonia dos republicanos de Júlio de Castilhos no âmbito estadual” (Heinz, 2009, p. 264).

Júlio de Castilhos, membro do Partido Republicano Riograndense (PRR), representava a força política do Estado. Atrelado a isso, vinha a valorização do dogma positivista “Saber para prever a fim de promover”. Dessa forma, o governo estabeleceu como meta impulsionar o progresso, qualificando a população e visando o crescimento econômico.

Em 10 de agosto de 1896, um grupo de engenheiros militares fundou uma escola de engenharia que, com o tempo, viria a se tornar a

principal referência do Estado do Rio Grande do Sul, sendo, portanto, um fortalecedor da cultura dominante. No Livro de Hassen e Ferreira (1996), elas destacam que "a Escola, desde o princípio, teve uma profunda vinculação com a sociedade, e esta sociedade investiu na consolidação.". Sendo considerada como necessária e útil, "enfatizou o ensino prático e profissional" (Hassen; Ferreira, 1996, p. 27), alinhada ao dogma positivista em que o ensino prático recebia mais atenção do que a titulação.

Além disso, a fundação foi realizada juntamente com a Faculdade Livre de Medicina e Farmácia e da Faculdade Livre de Direito, pioneiras no ensino superior do Rio Grande do Sul. Inicialmente a E.E (Escola de Engenharia) funcionou por meio de doações, se mantendo como uma instituição privada mesmo sendo considerada desde o início como um bem

público. Posteriormente, essas instituições passaram a constituir a Universidade de Porto Alegre, e mais tarde se tornou a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com a federalização em 1951. Vale destacar que em 1922, a Escola recebeu a denominação de Universidade Técnica, visto que seu fim era de

propagar no Rio Grande do Sul e no Brasil a mais moderna e eficiente educação técnica, profissional e industrial, baseada em uma real educação primária e preparatória. O seu programa conduz o indivíduo do mais modesto ao mais elevado grau de ensino técnico" (E.E. ESTATUTOS, 1922, ART. 1º *apud* Morosini; Franco, 2006, p. 45).

É relevante destacar que muitos professores engenheiros que integravam a essa escola passaram a compor o quadro da administração pública e da política regional durante a Primeira República, "estabelecendo [207]

certos nexos entre trajetórias profissionais e políticas" (Heinz, 2009, p. 278). De dezessete professores analisados da Escola de Engenharia de Porto Alegre, apenas dois não se envolveram nem na carreira política nem na administração pública. Os demais têm envolvimento, seja em ambos ou em apenas em um dos quadros. Dessa forma, a Escola de Engenharia atravessou diversas fases, desde sua fundação até sua consolidação e expansão, objetivando formar profissionais qualificados.

No tocante à formação dos engenheiros, a Escola de Engenharia expandiu-se por meio de diversos Institutos. Destacam-se entre eles o Instituto de Engenharia, o Instituto Júlio de Castilhos (Ginasial), o Instituto Parobé (anteriormente conhecido como Instituto Técnico Profissional), o Instituto Astronômico e Meteorológico, o Instituto de Eletrotécnica e o

Instituto de Agronomia e Veterinária, entre outros. Eles representam a origem de diversos cursos que compõem atualmente a UFRGS (Lume Repositório Digital, 2021).

Nesse contexto, diversos institutos, como o Técnico Profissional, fundado em 1906 e posteriormente renomeado para Instituto Parobé em 1917, exercearam uma influência direta na qualificação da população da época. O Instituto Parobé destinava-se a dar ensino a meninos pobres, filhos de operários (Relatório de 1907 *apud* Hassen; Ferreira, 1996, p. 62), e nele lecionaram importantes engenheiros educadores, como João Luderitz, João José Pereira Parobé como diretor da Escola de 1898 a 1915, Hans Emilio Goetze, entre outros. Segundo Hassen; Ferreira (1996, p. 62)

Havia dois cursos, um diurno, no qual se fazia a preparação

elementar e técnica, e um noturno para o aperfeiçoamento de operários e instrução de menores que não podiam frequentar o curso diurno. O ensino técnico abrangia as seguintes seções: construções mecânicas, trabalhados em madeira, artes do edifício e artes gráficas.

Portanto, a Escola de Engenharia foi uma instituição que estava em consonância com as exigências do tempo em que estava situada. A ligação entre a Escola e a política do Estado favoreceu seu desenvolvimento, além do envolvimento dos professores na atividade política e na administração pública. Conforme destacado por Morosini e Franco (2006, p. 51),

a E.E., no período estudado, contribuiu para a hegemonia do Estado positivista gaúcho através da manutenção do poder do grupo castilhista [...] pela criação de condições de consenso e capacitação da classe dirigente que

objetivava a consolidação do modo de produção capitalista no Estado.

Na descrição presente no livro de Hassen e Ferreira (1996, p. 16) sobre a inauguração da E.E., é possível observar que todos recebiam com grande clamor a nova Escola. Com vivas ao Rio Grande do Sul e à República Brasileira, bandas marciais e cânticos do hino nacional, era perceptível o anseio de transformação e renovação de Porto Alegre.

Observa-se, portanto, que a Escola de Engenharia de Porto Alegre estava pautada no ensino, na pesquisa e extensão, aproximando da concepção de universidade moderna. A valorização da pesquisa e da extensão foi uma característica dos Institutos que integravam a Escola de Engenharia. Atualmente, podemos observar a perpetuação dos cursos, como o de Engenharia Elétrica, por exemplo, que “tem suas

origens no Instituto de Eletrotécnica, fundado em 1908 como parte integrante da Escola de Engenharia, tendo como objetivo a formação de engenheiros mecânicos eletricistas" (UFRGS, 2023). Assim, a Escola de Engenharia foi uma instituição que perdurou ao longo do tempo, adaptando-se às mudanças ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

Escola de Engenharia - Folha de rosto do relatório anual. Lume Repositório Digital, 17 jun. 2021. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/222394>. Acesso em: 15 abr. 2024.

HASSEN, Maria de Nazareth Agra; FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. **Escola de Engenharia-UFRGS**: Um século. Porto alegre: Tomo editorial, 1996. 242 p. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/85937/000178488.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 9 abr. 2024.

HEINZ, F. M. Positivistas e republicanos: os professores da Escola de Engenharia de Porto Alegre entre a atividade política e a administração pública (1896-1930). **Revista Brasileira de História**, v. 29, p. 263-289, 2009.

MOROSINI, Marília Costa; FRANCO, Maria Estela Dal Pai. Escola de Engenharia de Porto Alegre (1896-1934): hegemonia política na construção da universidade. **Revista História da Educação**, v. 10, n. 19, p. 39-57, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29403>. Acesso em: 9 abr. 2024.

UFRGS. **Cursos de Graduação**: Engenharia Elétrica. Rio de Janeiro: Escola de Engenharia, 2023. Disponível em: https://www.ufrgs.br/engenharia/?page_id=86. Acesso em: 15 abr. 2024.

UFRGS. **Repositório Digital Lume**. Prédio Centenário da Escola de Engenharia - Vista externa. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/222392>. Acesso em: 20 mar. 2025.

ESCOLA DE MINAS DE OURO PRETO

Débora Cristina de Souza Pereira



22

No início do século XX, a Escola de Minas de Ouro Preto (EMOP) desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da indústria e da infraestrutura do Brasil, promovendo mudanças significativas nas práticas de ensino

²² **Fonte:** Extraído de Alves, Garcia e Paiva (2015).
[214]

da Engenharia Mineral por meio da integração entre teoria e prática.

A gênese da instituição remonta ao século XIX, quando a escola surgiu como uma solução para o declínio econômico que estava em debate tanto entre brasileiros quanto entre portugueses. Segundo Carvalho (2002, p. 11), "a criação da Escola foi, antes de tudo, um ato de vontade política, orientado em grande parte por motivos de natureza mais ideológica do que econômica". Por iniciativa de D. Pedro II, que, durante uma viagem à Europa na década de 1870, entrou em contato com membros da Academia de Ciências de Paris, o imperador convidou Auguste Daubrée para vir ao Brasil e orientar a exploração das riquezas minerais do país. No entanto, Daubrée, que havia sido recentemente nomeado diretor da Escola de Minas de Paris, recusou o convite, indicando o

intelectual francês Claude Henri Gorceix como a pessoa mais adequada para a tarefa (Carvalho, 2002).

Assim, Claude Henri Gorceix veio ao Brasil a convite do imperador. Após sua chegada, em julho de 1874, ele redigiu um parecer detalhado sobre a formação geológica do país e recomendou a cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, como o local ideal para a construção da Escola. A escolha de Minas Gerais não foi aleatória: a região era conhecida por sua riqueza mineral, especialmente em ouro e ferro, o que a tornava o local perfeito para sediar uma instituição dedicada ao estudo e à exploração desses recursos. Gorceix também apresentou etapas e processos detalhados para a criação da escola, que foram submetidos ao governo e rapidamente aprovados. Como destacado por Jotta (2024, p. 43), "o parecer já continha dados

importantes sobre a localização ideal para a construção de uma escola de instrução científica superior no campo da Geologia e estudo das minas para extração mineralógica. A província de Minas Gerais foi a escolhida". A regulamentação da escola foi aprovada pelo Decreto nº 6026, em 6 de novembro de 1875.

Fundada oficialmente em 1876, a escola surgiu em um contexto em que o Brasil buscava modernizar sua infraestrutura e explorar suas riquezas minerais de forma mais eficiente. Gorceix, formado na prestigiosa *École Normale Supérieure* de Paris e com vasta experiência em geologia e mineralogia, trouxe consigo um modelo de ensino inspirado nas escolas de minas da França, como a *École Nationale Supérieure des Mines* de Paris. Esse modelo combinava teoria e prática de forma rigorosa, com disciplinas como mineralogia, geologia,

metalurgia, química e engenharia de minas, estabelecendo um padrão de excelência que marcaria a história da educação técnica no Brasil, adaptado à realidade econômica, social e política do país.

Inicialmente, o objetivo da escola era formar administradores para a exploração de minas, bem como engenheiros para empresas metalúrgicas e para o Império e suas províncias, responsáveis por explorações geológicas e fiscalização de trabalhos de mineração. O programa de aulas foi concebido para intercalar disciplinas teóricas e técnicas (Jotta, 2024).

Apesar das grandes expectativas em torno da escola, durante suas primeiras décadas de funcionamento, a EMOP enfrentou diversas críticas. As principais dificuldades estavam relacionadas ao número reduzido de estudantes, ao conteúdo do currículo e à

metodologia adotada. Segundo Carvalho (2002, p. 45),

Os primeiros vinte anos de vida foram atribulados. A iniciativa era atacada de vários lados e não foram raras às vezes em que a extinção da Escola foi proposta, até mesmo no parlamento. Gorceix teve que lutar constantemente para manter sua obra viva e fiel ao espírito original. Conseguiu mantê-la viva, embora com alguns arranhões no projeto que para ela sonhara. Para isto contou, sobretudo, com o apoio de Pedro II e um pouco mais tarde com o da Província de Minas Gerais, embora por este último tenha tido que pagar um preço alto.

As dificuldades enfrentadas pelos alunos, desde o rígido processo de ingresso até problemas de permanência, levaram a importantes adaptações na escola, mesmo após a saída de Gorceix. De acordo com Carvalho (2002, p. 45), “pode-se, no entanto, dizer que a

organização básica ficou estabelecida em 1875 e foi consolidada em 1893".

No início do século XX, a Escola de Minas consolidou-se como um centro de excelência, formando profissionais que atuavam não apenas na mineração, mas também em áreas como engenharia civil, metalurgia e geologia. Seus egressos, conhecidos como "mineiros", foram responsáveis por projetos importantes, como a construção de ferrovias, barragens e usinas hidrelétricas, além de contribuírem para a exploração de recursos minerais em diversas regiões do país. A instituição também foi crucial para o avanço da pesquisa geológica e mineralógica, ajudando a mapear e explorar as riquezas naturais do Brasil (Furtado, 2005).

A criação da Escola de Minas ocorreu em um contexto de transformações econômicas e científicas. A escola não apenas formou a

primeira geração de engenheiros de minas e geólogos do país, mas também estabeleceu conexões com outras instituições científicas, tanto no Brasil quanto no exterior. Gorceix manteve contato com cientistas europeus e trouxe equipamentos modernos para o Brasil, enquanto a escola serviu de modelo para outras instituições de ensino técnico que surgiram posteriormente. Segundo Furtado (2005, p.45), a Escola de Minas foi "um marco na história da ciência e da tecnologia no Brasil, consolidando-se como um centro de excelência na formação de profissionais e na pesquisa mineralógica".

Desde sua fundação até 1931, a EMOP operou como uma instituição autônoma, estando, ao longo do tempo, subordinada a diferentes órgãos governamentais. Em 1931, passou a ser vinculada ao Ministério da Educação e Saúde, sendo posteriormente

incorporada à Universidade do Rio de Janeiro, que, em 1945, foi reestruturada e passou a se chamar Universidade do Brasil. Em 1960, a escola recuperou sua autonomia, ficando diretamente subordinada ao Ministério da Educação até 1969 (Alkmim; Menezes, 2008).

A partir de 1969, a Escola de Minas foi integrada à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), consolidando-se como uma instituição histórica, com quase 150 anos desde sua fundação. A instituição mantém seu legado de excelência no ensino e na pesquisa, oferecendo cursos de graduação e pós-graduação em áreas como engenharia de minas, geologia, metalurgia e materiais. Além disso, a escola abriga o Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas, que preserva equipamentos históricos e coleções científicas de grande valor, servindo como um testemunho da rica história da instituição.

Dessa forma, a criação da Escola de Minas não apenas contribuiu para o desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil, mas também consolidou Ouro Preto como um importante centro de estudos minerais. Ao longo de sua trajetória, a instituição desempenhou um papel fundamental na formação de engenheiros que lideraram grandes projetos de infraestrutura e pesquisa geológica, reforçando seu legado como referência no ensino técnico-científico. A Escola de Minas de Ouro Preto não apenas sobreviveu ao tempo, mas também se adaptou às novas demandas, mantendo-se como uma referência no ensino técnico-científico no Brasil e na América Latina.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

ALVES, Schirley F. N. S. C.; GARCIA, Cecília S. G.; PAIVA, Patrícia. Transformações físicas e

apropriações sociais da Praça Tiradentes em Ouro Preto-MG. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**. V.21. n.12. 2015, p. 209-220. DOI: <http://dx.doi.org/10.14295/aohl.v21i2.670>. Acesso em: fev. 2025.

ALKMIM, Fernando Flecha; MENEZES, Messias Gilmar de. O cinqüentenário do curso de Geologia nos 131 anos da Escola de Minas de Ouro Preto. **Geociências Petrobras**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 171-194, maio/nov. 2008.

BNDIGITAL. Claude-Henri Gorceix e a Escola de Minas de Ouro Preto. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/francebr/gorceix.htm>. Acesso em: 10 jul. 2024.

CARVALHO, José Murilo de. **A Escola de Minas de Ouro Preto**: o peso da glória. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 5 ago. 2024.

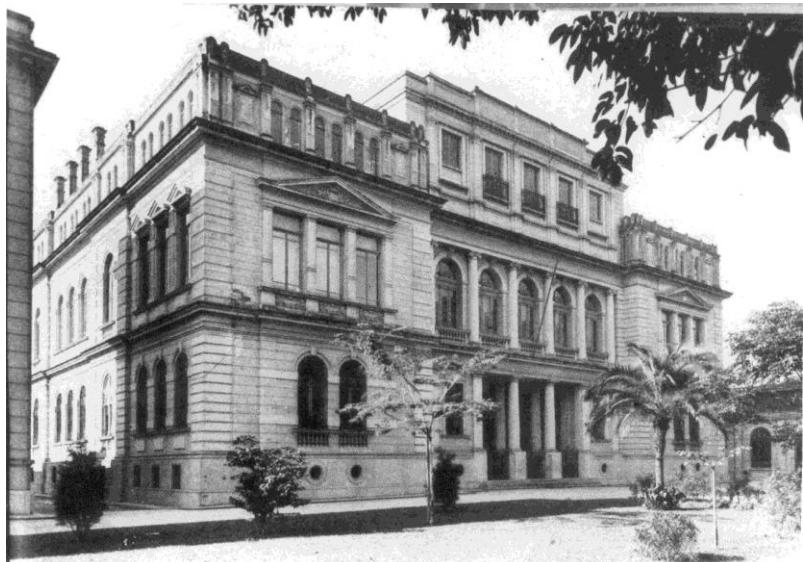
FURTADO, João Pinto. **A Escola de Minas de Ouro Preto**: Contribuição para a História da Ciência e Tecnologia no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

JOTTA, Carlos Augusto Ribeiro. Notas sobre a criação de uma “Escola de Mineiros” no final do século XIX: o surgimento da Escola de Minas de Ouro Preto e o ensino das ciências mínero-metalúrgicas. **COD31**, v. 2, n. 2, p. 40-54, jul./dez. 2024. DOI: 10.70493/cod31.v2i2.9961.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO.
História da Escola de Minas. Disponível em:
<https://em.ufop.br/hist%C3%B3ria>. Acesso em:
17 nov. 2024.

ESCOLA POLITÉCNICA DE SÃO PAULO

Lidemberg Régis Santos Dantas



23

De acordo com Saviani (2005), as instituições são construídas a partir de determinada carência específica e social, assim

²³ **Fonte:** <https://www3.al.sp.gov.br/repositorio/noticia/N-09-2013/fg129846.jpg>

como, de cunho permanente, embora também tenham caráter transitório. Desse modo, por ser criada em virtude de uma demanda social, ela se constitui de forma sistematizada com intencionalidade tendo em vista as relações estabelecidas entre seus indivíduos e a sociedade.

As instituições quando tornam a educação o objeto de sua ação, sendo um exemplo a escola, essas instituições transformam-se em educativas e a partir disso, têm como foco o trabalho pedagógico secundário, este caracterizado por ser intencional, sistematizado e explícito. Em contrapartida, há a presença de instituições que tratam de modo indireto a educação e informalmente, com especificidades próprias, como por exemplo, a Igreja (Saviani, 2005).

Durante o período da Primeira República, a educação foi elemento essencial para o desenvolvimento da cidadania incorporada pelo projeto do governo ao país. Nesse sentido, os projetos voltados para a educação, especificamente, ao ensino superior foram levados em consideração tendo em vista a urgente organização, como a engenharia, por exemplo, que obteve atenção do recurso estadual paulista nos anos 1890 (Cerasoli, 2018).

Inserido nesse contexto, os debates em torno da questão da indústria e a sua noção relacionada ao progresso da sociedade, além das discussões no que se refere a criação de instituições escolares com enfoque no tema da engenharia, tendo em vista a pertinência direcionada à prática, há o surgimento da necessidade de fundação de uma instituição

escolar voltada para a engenharia no estado de São Paulo (Cerasoli, 2018).

A Escola Politécnica de São Paulo foi aprovada pela Assembleia Legislativa em 1893 e instaurada em 1894, especialmente, dedicada à formação de engenheiros, tendo como primeiro diretor o intelectual e engenheiro, Antônio Francisco de Paula Souza, organizador da instituição (Cerasoli, 2018).

Esse intelectual, nascido em 1843, realizou seus estudos na Europa, em um primeiro momento na Alemanha e, posteriormente, na cidade de Zurique, onde se forma como engenheiro civil no ano de 1867 pela *Technische Hochschule*, em virtude de sua disputa com o reitor da instituição na qual estudava. Após sua trajetória acadêmica no exterior, retorna ao Brasil (Escosteguy, 1994).

Entre as funções desempenhadas por Paula Souza, ele atuou como inspetor de Obras Públicas da província de São Paulo, escritor da obra “A República Federativa do Brasil” e integrou a Câmara no cargo de deputado. Neste último, discursou em favor da fundação de um Instituto Politécnico na cidade de São Paulo, o qual não se concretizou, entretanto, a sua ideia persistiu com a Politécnica (Escosteguy, 1994).

Sob influências das escolas de tecnologias a partir do modelo alemão, pela relação entre teoria e prática, Paula Souza emprega no projeto da Politécnica. A sua atuação se estendeu até 1917, ano de seu falecimento, sendo encarregado de assumir a direção da escola, Francisco de Paula Ramos de Azevedo (Escosteguy, 1994).

A criação da instituição surgiu a partir das necessidades de caráter econômico e social,

tendo em vista o ensino prático e o desenvolvimento da modernidade na sociedade. Assim, comprehende-se que a instituição se constituiu como um pólo de cursos voltados, em um primeiro momento, para a questão agrícola e após houve a incorporação do curso de engenheiro eletrotécnico, em 1907 (Cerasoli, 2018).

Através da lei estadual nº 191, de 1893, a escola se caracterizava como uma instituição voltada para o ensino superior em matemática e ciências (com aplicação em artes e na indústria), assim como, estabeleceu duas propostas de formação: uma voltada para a técnica e outra para a engenharia (Martins; Silva; Ricardino, 2006).

A instituição, em seus primeiros anos de existência, realizou a instalação de diversos laboratórios e gabinetes para o exercício do

trabalho com experimentos, como os gabinetes: física experimental; astronomia e geodésia; topografia; química mineral e orgânica; eletrotécnica e física industrial; resistência de materiais; química analítica e industrial; botânica; veterinária e zootecnia (Cerasoli, 2018).

A instituição de um curso de contabilidade pela Politécnica, conferiu a escola a dianteira do ensino na formação contábil no estado de São Paulo e mesmo sendo o curso disponibilizado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, a Politécnica de São Paulo se estabeleceu como a primeira a oportunizar o diploma como contador no território nacional (Martins; Silva; Ricardino, 2006).

Além disso, houve a presença de cursos, como engenharia (Civil, industrial e agrícola) e artes mecânicas (Escosteguy, 1994). A característica de inovação atribuída à escola

aconteceu a partir de diversos aspectos na atuação da instituição, entre os principais se encontram: a promoção da “Revista Politécnica”, tendo como finalidade de facilitar a compreensão de termos técnicos em publicações estrangeiras (Cerasoli, 2018).

Em 1934, incorporada além de outras instituições a Universidade de São Paulo (USP), esta criada após o fracasso da revolução de 1930, essa proposta foi realizada por Armando de Salles Oliveira, egresso da Politécnica e atuante no cenário político como interventor do estado de São Paulo (Escosteguy, 1994).

A Escola Politécnica de São Paulo se constituiu em um espaço de formação em ensino superior, principalmente, de profissionais no curso de engenharia a partir dos ideais de uma escola modelo em alta tecnologia da época. Destarte, foi um pólo de destaque entre

as escolas em funcionamento do período pela constituição de cursos no estado e a primeira instituição que disponibilizou o diploma de contador no Brasil.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

CERASOLI, J. F. Escola Politécnica de São Paulo: engenharias políticas no ensino superior paulista nos inícios republicanos. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 17, n. 1, p. 201–220, 2018.

ESCOLA POLITÉCNICA DA USP. A Poli - Escola Politécnica. Disponível em:
<https://www.poli.usp.br/institucional/a-poli>. Acesso em: 6 abr. 2024.

ESCOSTEGUY, Jorge (Ed.). **Escola Politécnica**: cem anos de tecnologia brasileira. São Paulo: Grifo Projetos Históricos e Editoriais, 1994.

MARTINS, E.; SILVA, A. F. DA.; RICARDINO, Á. Escola Politécnica: possivelmente o primeiro curso formal de contabilidade do estado de São

Paulo. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 17, n. 42, p. 113-122, set. 2006.

SAVIANI, Dermeval. Instituições escolares: conceito, história, historiografia e práticas. **Cadernos de História da Educação** - n. 4, jan./dez. 2005.

ESCOLA POLITÉCNICA DO RIO DE JANEIRO

Laís Paula de Medeiros Campos Azevedo



A história da Escola Politécnica do Rio de Janeiro se confunde com a história da

²⁴ **Fonte:** BN Digital - Para inserção neste documento, realizamos o corte da imagem original para facilitar a visualização.

engenharia no Brasil. Com a criação da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho em 1792, as primeiras disciplinas que seriam a base da engenharia no Brasil começaram a ser ministradas. Em seus estatutos, constavam informações sobre o ensino, no sexto ano, de disciplinas relativas à engenharia civil, métodos utilizados nas construções, orçamentos de edifícios, arquitetura de pontes, canais e portos (BNDigital, 2024).

Em 1810, a Academia foi transformada em Real Academia Militar. De acordo com Moreira e Salgado Neto (2008), com essa mudança, também foram inseridas disciplinas relativas às ciências matemáticas, físicas e naturais, ao mesmo tempo em que se manteve a cadeira referente a princípios da Arquitetura Civil.

A partir dos autores, apreendemos que é no seio da Real Academia Militar que nascem as

discussões sobre a necessidade de uma escola propriamente destinada a engenharia civil no Brasil, separada da formação de oficiais militares. Ao longo do século XIX, a Academia passou por outras transformações em sua denominação e, sob o nome de Escola Militar da Corte, operou-se a separação do ensino militar e do ensino civil com a reorganização da Escola Central e a criação da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro no ano de 1874, instituição de instrução superior.

Destaca-se a influência das ideias francesas e, especialmente, do positivismo de Auguste Comte nas disciplinas da Escola Politécnica. Os primeiros Estatutos da Escola, aprovados pelo Decreto nº 5.600 de 25 de abril de 1874, especificavam que os cursos seriam compostos por um curso fundamental comum e de seis cursos especiais: Ciências Físicas e

Naturais; Ciências Físicas e Matemáticas; Engenheiros Geógrafos; Engenharia Civil; Curso de Minas; e Curso de Artes e Manufaturas.

O primeiro diretor efetivo da Escola foi José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco. Quanto a organização das disciplinas e dos cursos, estas foram sendo alteradas de acordo com a necessidade de uma maior especialização. Moreira e Salgado Neto (1998, p. 101) afirmam que

O objetivo era formar engenheiros politécnicos, ou seja, com múltiplos conhecimentos técnicos para atender a diversidade dos novos campos de atuação. A rigor o aluno continuava formando-se em engenharia civil, na medida em que esse era o maior campo de trabalho, mas especializava-se também em uma outra área de conhecimento.

A sede da Escola, desde o ano de 1812, passou a ser o prédio localizado no Largo de São [239]

Francisco de Paula, onde permaneceu até 1966. Com as transformações ocorridas na organização do ensino superior brasileiro, a denominação da escola e, consequentemente, também a sua organização, foi modificada. Em 1937, a Escola passou a integrar a Universidade do Brasil como Escola Nacional de Engenharia; em 1965, se tornou Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e, em 2023, retornou ao seu nome de "Escola Politécnica" da UFRJ.

A Escola foi palco de importantes discussões e ações que influenciaram a Educação no Rio de Janeiro e no país. Seus intelectuais participaram ativamente da criação de sociedades científicas e acadêmicas. Em maio de 1916, um grupo formado por professores da Escola criou a Sociedade Brasileira de Ciências (SBC). Entre os

idealizadores da fundação da Sociedade, estavam Everardo Backheuser, Antônio Ennes de Souza, Henrique Charles Morize, Edgard Roquette-Pinto. Em dezembro de 1921, a SBC passa a se chamar Academia Brasileira de Ciências (ABC).

No ano de 1924, também nas dependências da Escola Politécnica foi fundada a Associação Brasileira de Educação (ABE). Sob a presidência de Heitor Lyra da Silva, a ABE congregava um expressivo número de intelectuais e educadores, entre estes muitos engenheiros-educadores ligados a Politécnica do Rio de Janeiro.

Podemos elencar, entre os engenheiros-educadores que estudaram e/ou atuaram na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, nomes como Celso Suckow da Fonseca, Dulcídio Almeida Pereira, Everardo Adolfo Backheuser,

Ferdinando Labouriau, Francisco Venâncio Filho, Manoel Amoroso Costa, Mario Paulo de Brito e Tobias Moscoso. O engajamento e participação desses intelectuais da Escola Politécnica ajudaram a construir um dos períodos mais férteis no âmbito da educação e divulgação científica no Brasil, com significativas contribuições para a História das Ciências e, sobretudo, para a História da Educação e para História da Educação profissional.

REFERÊNCIAS E INDICAÇÕES DE FONTES

BRASIL. Decreto n. 5.600 de 25 de abril de 1874. Dá Estatutos a Escola Politécnica.

Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decreto/1824-1899/decreto-5600-25-abril-1874-550207-publicacaooriginal-65869-pe.html>.

Acesso em: jan. 2025.

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. História.

Disponível em: <https://www.abc.org.br/a-242>

instituicao/sobreabc/historia/. Acesso em: jan. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO.

Breve histórico. Disponível em:

<https://www.abe1924.org.br/>. Acesso em: jan. 2025.

BNDIGITAL. Rede da Memória Virtual Brasileira. Escola Politécnica – UFRJ. Moreira, Heloi José Fernandes. Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/rede-da-memoria-virtual-brasileira/ciencias/escola-politecnica-ufrj/>. Acesso em: jan. 2025.

MOREIRA, Heloi José Fernandes; SALGADO NETO, Luiz Antônio. Museu da Escola Politécnica: o espaço de construção da memória da Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Antônio José Barbosa (Org.). **Universidade e lugares de memória.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informação, 2008.

A Faculdade Metropolitana Norte Riograndense (FAMEN) é credenciada pela Portaria nº 665/MEC, publicada no Diário Oficial da União em 22 de março de 2019. Entre as atividades vinculadas ao ensino superior, a Faculdade oferece serviços acadêmicos da EDITORA FAMEN que objetiva a difusão de conhecimento por meio de e-books, livros impressos, periódicos (revista científica e jornal eletrônico), anais de eventos e repositório institucional, sendo vinculada à Diretoria de Pesquisa da Faculdade.

A EDITORA FAMEN é especializada em publicar conhecimentos relacionados ao campo da educação e a áreas afins por meio de plataforma on-line, como também em formato impresso. O endereço eletrônico para acessar as suas publicações e demais serviços acadêmicos é o www.editorafamen.com.br.

A EDITORA FAMEN realiza edição, difusão e distribuição de produções editoriais seguindo uma Política Editorial qualificada e baseada nas seguintes linhas: acadêmica, técnico-científica, produção didático-pedagógico, produção artístico-literária e cultura popular.

Formato: E-book/PDF

Tipologia: Raleway, Roboto e DIN Next Condensed

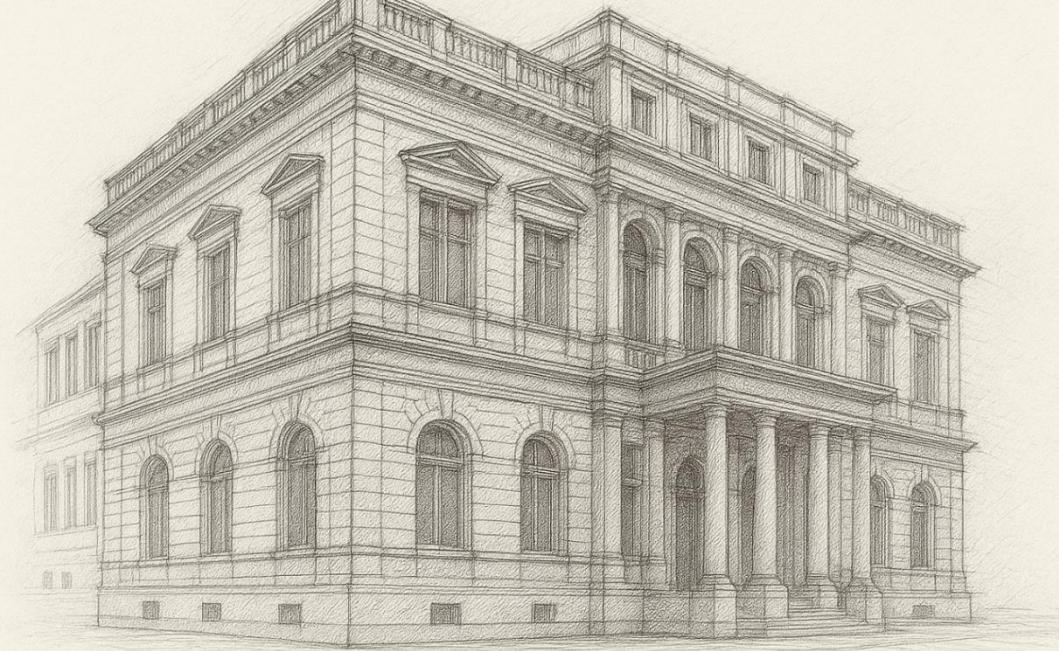
2025 Natal/Rio Grande do Norte

Não encontrando nossos títulos na rede de livros
conveniados e informados em nosso site contactar a Editora

Faculdade FAMEN:

Tel: (84) 3653-6770 | Site: www.editorafamen.com.br

E-mail: editora@famen.edu.br



O livro *Engenheiros-Educadores e Espaços de Formação* reúne resultados de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Projeto “Ensino industrial no Brasil: sociabilidades e práticas educativas de engenheiros-educadores”, vinculado à Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq (2022-2025), processo nº 305754/2021-1.

A obra constitui um dos desdobramentos das atividades de investigação conduzidas pelo Laboratório de História e Memória da Educação (LAHMED/UFRN), em articulação com a Rede #HISTED que é composta por pesquisadores nacionais e estrangeiros que investigam sobre História da Educação, circulação de ideias pedagógicas, instituições e espaços formativos